

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Bruna Paula de Oliveira

**PERCORRENDO OS CAMINHOS DA VIOLÊNCIA NO CENTRO DE ENSINO E  
PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO – CEPAE UFG**

GOIÂNIA  
2016

Bruna Paula de Oliveira

**PERCORRENDO OS CAMINHOS DA VIOLÊNCIA NO CENTRO DE ENSINO E  
PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO – CEPAE UFG**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Educação Física licenciatura.

Orientador (a): Prof. Esp. Hemanuelle Di Lara Siqueira Jacob.

GOIÂNIA  
2016

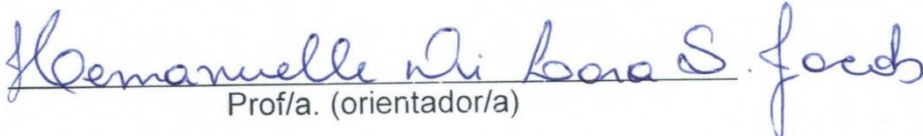
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**PERCORRENDO OS CAMINHOS DA VIOLÊNCIA NO CENTRO DE ENSINO E  
PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO CEPAE-UFG**

Trabalho apresentado para obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação da professora Esp. HEMANUELLE DI LARA SIQUEIRA JACOB.

**Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.**

Goiânia, março de 2016

  
Prof/a. (orientador/a)

Dedico este trabalho aos meus queridos pais e amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos vão primeiramente a Deus, por ter me dado força para chegar até aqui.

A minha família, que sempre me deu amor, carinho, força e me incentivou abrindo portas para que eu continuasse estudando.

Ao meu namorado, que sempre esteve do meu lado me dando apoio e sendo compreensivo nos meus momentos de ausência e nervosismo por cumprir com os afazeres da faculdade.

Em especial a minha orientadora Hemanuelle, por ter aceitado ser minha orientadora, ficando horas esclarecendo minhas dúvidas e corrigindo este trabalho. Agradeço também por ter contribuído na minha formação tanto profissional como pessoal.

A todos os meus professores, que fizeram parte da minha graduação e que contribuíram direto e indiretamente para a realização desse trabalho para conclusão do curso.

As minhas amigas e colegas de classe Flávia e Nathália, por estarem sempre comigo me fazendo companhia e realizando os diversos trabalhos propostos na faculdade e também enfrentando as dificuldades, tanto pessoais como no decorrer do curso.

A todos os meus amigos, por todo apoio e carinho e ajuda prestada, por me apoiarem e estar sempre prontos para o que fosse preciso.

Aos meus colegas de classe que participaram desses quatro anos de caminhada e lutas diárias para cumprir com os compromissos.

E por fim, agradeço aos participantes desta pesquisa, que aceitaram contribuir com a minha pesquisa.

*“O sentido trágico da vida, isto é, o sentido da vida nada mais é do que essa problemática da violência.”*

Henri Ey

## RESUMO

Esta pesquisa é um estudo de caso que teve como objetivo geral, investigar através de documentos e entrevistas como são tratados os casos de violência presentes nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação – CEPAE UFG. E teve como objetivos específicos identificar os caso de violência e seus encaminhamentos, levantando também os tipos de violência presentes na escola. A questão central de estudo foi responder “quais os tipos de violência presentes nas aulas de Educação Física”. A metodologia utilizada foi uma pesquisa social descritiva exploratória, realizando um estudo de caso de caráter qualitativo, dividindo o trabalho em quatro passos: fase exploratória, descritiva, analítica e relatório final. Esta pesquisa vem contribuir com o debate sobre violência na escola e nas aulas de Educação Física assim como os desdobramentos deste evento, pois um dos grandes problemas enfrentados pela escola é a violência. Com essa pesquisa podemos identificar o papel da Educação Física quando o assunto é violência e as contribuições que ela pode oferecer aos estudantes e a escola. As principais referências utilizadas foram Saviani (1984), Coletivo de Autores (1990), Abramovay e Rua (2012); e Bourdieu (1992). A partir deste estudo os resultados encontrados foram que existem vários tipos de violência que se expressa nas aulas de Educação Física, porém as mais recorrentes são violência física e a simbólica.

**Palavras-chave:** Violência simbólica, Escola e Educação Física.

## ABSTRACT

his research is a case study that aimed to investigate through documents and interviews how they are handling cases of violence in the elementary school physical education classes for Applied Education and Research Center Education - CEPAE UFG. And had the following specific objectives to identify the cases of violence and their encamiamentos also raising kinds of violence present in schools. The central question of the study was to answer "what types of violence in the physical education classes." The methodology used was an exploratory descriptive social research, conducting a qualitative case study, dividing the work into four steps: exploratory, descriptive, analytical and final report. This research is a contribution to the debate about violence at school and in physical education classes as well as the ramifications of this event as one of the major problems faced by the school is violence. With this research we identify the role of physical education when it comes to violence and the contributions it can offer students and school. The main references used were Saviani (1984) Authors Collective (1990), and Abramovay Street (2012); and Bourdieu (1992). From this study, the results were that there are several types of violence expressed in physical education classes, but the most frequent is physical violence and symbolic.

**Keywords:** Symbolic Violence and School Physical Education.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1.A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR</b> .....	14
1.1 A VIOLÊNCIA DA ESCOLA E NA ESCOLA.....	14
1.2 A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E A VIOLÊNCIA.....	18
1.3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA .....	21
<b>2.CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO (CEPAE): O COLÉGIO REFERÊNCIA</b> .....	25
2.1 A PESQUISA.....	29
2.2 CAMINHOS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA .....	30
2.3 IDENTIFICANDO A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS</b> .....	43
<b>APÊNDICE</b> .....	45
<b>ANEXOS</b> .....	49

## INTRODUÇÃO

Do período da minha infância até adolescência estudei o primeiro grau em uma escola particular da Rede Católica. A minha experiência com a Educação Física foi muito superficial quanto aos vários conteúdos existentes neste meio. As aulas em que eu participava era basicamente os quatro esportes espetaculizados pela mídia.

A minha vontade de entender mais sobre tais esportes e suas possibilidades dentro das escolas, me levaram a vontade de ingressar em um curso de Educação Física Licenciatura. Dentro da Universidade Federal de Goiás (UFG), no decorrer do curso, percebi que não eram apenas os quatro esportes tanto adotados, mais sim um universo de possibilidades envolvendo elementos da cultura corporal.

A abordagem teórica metodológica em que mais de identifiquei foi a Crítico Superadora, onde o professor transmite o conhecimento a partir da prática social do aluno, envolvendo a história, vivência e assimilação com a realidade do jogo, esporte, brincadeira, lutas, ginástica e outras manifestações da cultura corporal. Desse modo veio a minha vontade de me tornar uma professora onde eu faça a diferença na escola e na vida de meus alunos, utilizando dos meus conhecimentos adquiridos na faculdade.

Pensando em um problema muito comum que vivenciei tanto na escola como na universidade, e de como a Educação Física é importante para a formação da criança tanto individual quanto socialmente, escolhi o tema “A Educação Física e a Violência” que teve como objetivo geral investigar através de documentos e entrevista, como são tratados os casos de violência presentes nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental I no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação (CEPAE). Tive como objetivos específicos identificar como aconteceu a violência e como ela foi tratada foi levantado ainda os tipos de violência presentes na escola. Assim, a questão central do estudo foi encontrar respostas para tal pergunta: Quais os tipos de violência presentes nas aulas de educação física no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação (CEPAE)?.

A hipótese pensada parte da ideia de que o CEPAE é uma escola-modelo e que tenta de todas formas ensinar aos alunos há não praticar a violência e apesar disso acreditamos que a violência mais presente é a violência Simbólica e a Institucional.

A escolha do tema “Educação Física e a violência” como pesquisa para a monografia, veio da minha inquietação de que a Educação Física não é uma iniciação esportiva e sim a formação de pessoas, e que ela pode tomar medidas dentro das aulas de Educação Física que podem minimizar a violência na escola de forma geral.

Esta pesquisa foi de grande importância para pensarmos como lidar com a violência na escola da pesquisa, já que é um dos grandes problemas enfrentados também na sociedade. Exemplos dessa violência são as agressões, ameaças, humilhações, palavras grosseiras que muitas vezes podem trazer grandes problemas futuros.

A violência vem sendo um grande problema enfrentado pela sociedade, muitas famílias são destruídas, muitas vidas são perdidas e a cada dia que se passa o mundo fica mais caótica, onde as pessoas só pensam em si mesmas. A gentileza foi se perdendo e no seu lugar entrou a arrogância, a falta de respeito a vontade de ser melhor que os outros, aspectos próprios de uma sociedade de classe.

Com a pesquisa podemos identificar o papel da Educação Física quando o assunto é violência, as grandes contribuições que ela pode oferecer para os alunos, para a escola e para a sociedade, pois a escola é lugar de formação de cidadãos, de novos conceitos e de um novo projeto de sociedade. E a Educação Física pode ser uma forte contribuinte, porque ela não ensina a ser um atleta de alto rendimento mais sim um trabalho de vivências e humanização.

A fundamentação teórica utilizada para discutirmos sobre escolas e suas pedagogias, nós apoiamos nas obras de Demerval Saviani (1984), “Escola e Democracia” e “Pedagogia Histórico Crítica” que analisa a intervenção das diferentes teorias pedagógicas na questão da marginalidade, retrata um de seus principais objetivos, que é de “balançar” a máquina político educacional e compreender a Pedagogia Histórico Crítica.

Pensando que o papel da escola é humanizar e emancipar o estudante visando desenvolver as capacidades para o trabalho e para as relações sociais, SAVIANI (1984, p.15) reconhece que “a escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso aos rudimentos desse saber e que as atividades da escola básica devem se organizar a partir desta questão”. Assim, temos a finalidade da escola como a transmissão de um saber sistematizado, ela é compreendida como sendo insubstituível e incontestável, por ter, diferente das outras instituições, um papel essencial para a sociedade.

Os estudos da obra “Violências nas escolas” de Mirian Abramovay e Maria das Graças Rua (2012) nos ajudou com os fenômenos de violência nas escolas, incluindo a descrição de muitas maneiras em que a mesma se expressa.

Acreditamos que a violência simbólica é uma das grandes expressões de violência presente na escola e para entender melhor sobre esta o livro “A Reprodução” de Pierre Bourdieu e Passeron (1992) que postula o conceito de violência simbólica como verdade na interpretação dos fenômenos ligados não só ao ensino, mas ao conhecimento sociológico como um todo. A violência simbólica é vista pelos autores como “todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, aparentando as relações de força que estão na base de sua força” (1992, p.19). “Violência e ética no cotidiano das escolas” esta obra de Hélder Broska de Moraes Sarmiento (2009) complementou nosso estudo sobre a violência nas escolas em acréscimo com a ética, e também traz alguns projetos para o combate da mesma.

A obra “Metodologia de Ensino de Educação Física” (1990) escrito por um grupo de autores com diferentes perspectivas teóricas com o objetivo de propor uma nova forma de trabalho com a Educação Física, explicando melhor um novo modo de sistematização de conteúdos, partindo da realidade do aluno. O livro propõe uma discussão Teórico-metodológico colocando em vista uma melhor compreensão dos fundamentos pedagógicos do ensino da Educação Física no currículo escolar na perspectiva Crítico Superadora.

O capítulo I, A violência no Cotidiano Escolar, traz diferentes conceitos de escola e violência, para melhor compreensão do papel da escola na sociedade e o entendimento sobre o fenômeno violência. Neste capítulo é apresentado também a relação entre a Educação Física e a violência, partindo da abordagem Crítico Superadora. O capítulo também dá um enfoque à violência simbólica já que acreditamos que esta é uma das mais recorrente na escola e na sociedade.

O capítulo II, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação (CEPAE): a escola referência, é onde apresentamos a instituição e sua história, e os dados coletados com sua devida categorização. Este capítulo também mostra os caminhos tomados pelo CEPAE para resolução dos problemas de violência escolar. Está presente neste capítulo as fontes de investigação da pesquisa, análise do Projeto Político Pedagógico da escola, análise dos registros de violência da escola a partir da coordenação pedagógica e entrevista com o professor regente da aula de Educação física e com a coordenação pedagógica. Sendo assim, as análises foram feitas

partindo da triangulação de dados, das referências teóricas, análise dos documentos, das entrevistas buscaremos a resposta do problema levantado no início da pesquisa e uma compreensão de como o CEPAE e o professor de Educação Física lidam os casos de violência no Ensino Fundamental I.

## CAPÍTULO I

### 1. A VIOLÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Este capítulo inicia-se apresentando alguns conceitos do fenômeno violência, segundo alguns autores, para melhor compreensão do leitor sobre seu significado e suas nuances.

Partindo de que a violência é um fenômeno presente em todas as sociedades, mudando somente o nível que está presente em cada uma. Este vem acontecendo com muita frequência e de maneira crescente. Os meios de comunicação, vem divulgando em peso vários acontecimentos que envolvem diversos tipos de violência.

Abramovay e Rua (2002, p.121) expõe que “implicações da violência e suas diferentes manifestações no espaço escolar têm preocupado, de forma especial, toda a sociedade. Assim, para entender tal fenômeno, torna-se indispensável conhecer o ambiente escolar.”

Neste capítulo também será apresentado a violência no ambiente escolar e seus diversos tipos, entre eles a violência física, simbólica, institucional e as microviolências. A violência simbólica será a mais abordada no mesmo, para melhor compreendê-la, já que o enfoque de quando se fala em violência está voltado todo para a violência física, deixando sempre a simbólica de lado, sendo que esta violência está presente de maneira explícita na escola e na sociedade.

Para entendermos melhor a violência simbólica neste capítulo, tomaremos como referência e base teórica os estudos de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron “A reprodução” (1992).

Ao final deste capítulo pretendemos que o leitor consiga perceber o quando a violência escolar prejudica o ensino aprendizagem do estudante, e o quanto ela pode ser prejudicial para sua formação. Outro ponto que deve ser percebido e entendido pelo leitor é o quanto a Educação Física pode ser importante e influente na formação dos estudantes, e o quanto ela pode contribuir para o combate a violência presente na escola.

#### 1.1 A VIOLÊNCIA DA ESCOLA E NA ESCOLA

O Fenômeno violência está presente em todos os lugares em meio a sociedade. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) caracteriza a violência como uma violação aos direitos sociais, civis, políticos, econômicos e culturais. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) trata a violência como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”. Para diversos autores o fenômeno violência vai muito além desses conceitos acima citados. Então, para melhor compreendermos o conceito deste fenômeno tomaremos como base a concepção de alguns autores.

Abramovay e Rua (2002) entendem por violência a ação física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de si próprio e também de outro(s), envolvendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios e até mesmo a violência no trânsito, além das diversas formas de agressão sexual. Compreende-se, do mesmo modo, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional.

O fenômeno violência é complexo e multicausal. Uma ação que em sua maioria é determinada através da relação de forças, tal como em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Chauí (1985) diz que a violência representa a transformação no que é diferente em desigual, e essa desigualdade em relação entre inferior e superior. O ser humano é deixado de ser tratado como sujeito e passa a ser tratado como uma “coisa”. Um exemplo de violência que ela traz, é aquela quando a atividade e a fala de outras são impedidas ou anuladas, neste caso há um tipo de violência.

Segundo Chauí (1985) A violência é um processo histórico, pois cada sociedade apresenta formas particulares de expressar o mesmo e até épocas específicas. Muitas formas de violência ainda persistem nas sociedades, independente de gerações. Um grande exemplo e fortemente presente em todas as sociedades é o preconceito de gênero, que expressa a opressão do homem contra a mulher.

É importante ressaltar que, segundo Chauí (1985) a violência também é um fato social, onde não existe nenhuma sociedade isenta de violência, o que mudará será o nível da mesma, de uma sociedade para outra. Assim, cabe a cada sociedade o como ela se organiza para solução desses conflitos, partindo de seus elementos e padrões culturais.

Pensando que o papel da escola é humanizar e emancipar o estudante, visando desenvolver as capacidades para o trabalho e para as relações sociais. Saviani (1984, p.15) reconhece que “a escola existe, pois, para propiciar a aquisição

dos instrumentos que possibilitam o acesso aos rudimentos desse saber e que as atividades da escola básica devem se organizar a partir desta questão”. Assim, temos a finalidade da escola como a transmissão de um saber sistematizado, ela é compreendida como sendo insubstituível e incontestável, por ter, diferente das outras instituições, um papel essencial para a sociedade.

Em um estudo realizado por Abramovay e Rua (2002, p.50) ela expõe que “é comum se defender que a educação possui um papel essencial no desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades. Ela é encarada como uma via capaz de conduzir a um desenvolvimento humano mais harmonioso e de fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões e as opressões”. Assim, podemos perceber que a educação exerce um papel de extrema importância em nossa sociedade, e que a transformação da mesma depende de um forte investimento na educação.

No entanto, podemos observar que a educação brasileira passa por muitas dificuldades. O Brasil é um país que enfrenta uma grande desigualdade social, onde Souza (2012, p.21-22) diz que:

A desigualdade social é apontada como uma das origens estruturais da violência e suscita nas sociedades contemporâneas. A contradição de uma sociedade desigual contribui para manifestações da violência física e moral. Favorece impulsos que se expressam através de hábitos, costumes, tradições.

O sistema educacional contribui fortemente para a existência das desigualdades quando, no processo de seleção escolar, marginaliza aqueles pertencentes as classes populares e valorizam as outras classes proprietárias dos meios de produção, ainda, intensifica as desigualdades entre os gêneros quando conduz as ações e os comportamentos mais adequados ao ser feminino e o ser masculino.

Outras situações que devem ser destacadas é o desemprego, a exclusão social, as drogas, a pobreza e o tráfico de armas, entre vários outros tipos, que rodeiam a sociedade e acabam sendo levadas para dentro das escolas, gerando em si a violência. Rosa (2010, p. 145) cita que “A violência no ambiente escolar é um problema complexo e sua resolução requer a participação efetiva de todos os envolvidos: professores, alunos, gestores, comunidade escolar família e sociedade” assim vemos

que o papel da educação é de extrema importância, e as decisões a serem tomadas devem partir de um todo.

Segundo Abramovay e Rua(2002), a violência dentro e fora das escolas podem se manifestar de diversas formas, a autora divide em três tipos: Física, Simbólica, Institucional e as microviolências. Assim, há uma melhor compreensão do que seja o fenômeno violência.

A Violência Física consiste quando o indivíduo utiliza-se da força com o objetivo de ferir ou matar, deixando ou não marcas evidentes. São comuns os casos de ferimentos, golpes, roubos, crimes, vandalismo, droga, tráfico, violência sexual. Esse tipo de violência é o mais divulgado pela mídia, várias matérias feitas pelo jornalismo mostram o quanto o mesmo está presente dentro das escolas, e também a dificuldade da gestão escolar em lidar com essas situações quando elas aparecem Abramovay e Rua (2002).

O segundo tipo de violência é a simbólica que Abramovay e Rua (2002) aponta que à desvalorização ou restrição do patrimônio material ou não material de um determinado grupo identificado culturalmente. Ou, seja, são relações estabelecidas entre grupos dominantes e dominados que aparecem de forma “naturalizada”. É importante ressaltar, que a violência simbólica é sutil e permeia nosso cotidiano de forma implícita. Na violência simbólica segundo Bento et al (2010) o aluno não vê sentido em continuar frequentando a escola por tantos anos. Os conteúdos passam a ser um estudo sem objetivos e algo obrigatório e sem causar-lhes prazer algum a seu ponto de vista.

Segundo Bento et al (2010) nesse nível de violência há a negação de identidade e da satisfação profissional dos professores, com a obrigação de suportar a ausência, e a indiferença dos alunos.

E o terceiro tipo de violência citada pela autora Abramovay e Rua (2002) é as microviolências onde ela caracteriza pelas incivildades, os diversos tipos de humilhações (tratando-se do poder aquisitivo do aluno, questões de gênero e de raça) e a falta de respeito uns com os outros.

A Violência no contexto escolar, Segundo Rodrigues (2011) sendo um fenômeno social, pode apresentar-se em diferentes contextos pedagógicos, alterando as relações interpessoais interferindo negativamente no ensino-aprendizagem. Para a autora, essa discussão é muito importante, pois a violência traz sérias consequências para a educação, de modo que, para pensá-la e reconhecê-la é

preciso investigar a formação e a atuação de cada professor, onde o assunto violência se torna um desafio para cada trabalhador da educação.

Rodrigues (2011, p.13) ainda diz que “Visa-se reconhecer ainda se estes professores são apenas vítimas ou também possíveis agentes da própria violência escolar, e se a escola por meio de suas práticas e rotinas pedagógicas é eficaz no combate a violência e na sua prevenção”.

O Fenômeno violência traz consigo vários efeitos negativos ao ensino-aprendizagem dos estudantes, muitos deixam de ver a escola como um local de aprendizado e passam a vê-la como um lugar de disputas de classes sociais, gênero e raça. Assim, o objetivo do estudante que antes era de conhecimento é deixado de lado, fazendo com que a violência ganhe espaço.

Segundo as autoras Abromovay e Rua (2002, p. 295) “Tratar de violência na escola significa lidar com uma interseção de elementos, isto é, um fenômeno de uma nova ordem e não simplesmente o somatório dos objetos “escola” e “violência”.

Neste próximo subtítulo o tema a ser abordado será a relação entre a Educação Física e a violência. Assim, o leitor poderá melhor identificar o papel do professor desta disciplina e as contribuições que ela pode oferecer quando o assunto é violência.

## 1.2 A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E A VIOLÊNCIA

Neste subtítulo, para maior entendimento do leitor, será abordado o papel do professor de Educação Física no ambiente escolar, as perspectivas de trabalho segundo o Coletivo de Autores e a relação entre a Educação Física e a violência dentro das escolas.

Vivemos em mundo onde a informação é bastante diversificada e rapidamente atualizada. O mundo mudou. As pessoas mudaram e continuam neste processo de mudança. Ao constatar a velocidade com que ocorrem as transformações em nossa vida cotidiana, podemos afirmar que estamos diante de um novo tempo, outra realidade que nos envolve e nos desafia. Deste modo, significa que a sociedade atual exija uma prática pedagógica que assegure a construção da cidadania, fundamentada na criatividade, na criticidade e nas responsabilidades que vem das relações sociais, culturais, políticas e econômicas.

A Educação Física ao constituir-se particularidade do contexto cultural produzido pelo trabalho humano para atender a determinadas necessidades humanas

de conteúdos sócio-histórico tais como os lúdicos, os sagrados, os produtivos, éticos, estéticos, artísticos, educativos e de saúde. Tal disciplina se responsabiliza pela mediação dos conhecimentos relacionados a Cultura Corporal, importantes tão quanto a conteúdos relacionados a outras disciplinas.

A autora Alves (2013, s/n) em seu estudo “Educação Física contra a violência e a indisciplina na escola” diz que:

Os estudos revelam que estratégias metodológicas desenvolvidas em aulas de Educação Física, podem proporcionar melhor desenvolvimento social e principalmente proporcionar uma grande melhora na relação aluno-aluno e aluno-professor na escola.

Em um outro estudo, de Bento et al (2010, p.149) diz que a Educação Física:

[...] enquanto disciplina escolar pode desenvolver uma função institucional, tanto para lutar contra qualquer forma de violência, mediando conflitos que atingem diretamente alunos, pais, professores e a comunidade de modo geral.

Neste artigo escrito por Bento et al (2010) os autores tentam explorar a violência no cotidiano escolar. Os mesmos tentam identificar a presença da mesma nas aulas de Educação Física, analisando o papel da disciplina Educação Física Escolar e a ação pedagógica do professor no combate às ações geradoras de violência.

Bento et al (2010, p.153) ainda afirma que:

[...]a disciplina de Educação Física Escolar, dentro de sua especificidade educacional e pedagógica, é um importante instrumento para a construção de situações de vivências fraternas, promovendo atividades educativas que ajudem a diminuir as ações agressivas no espaço escolar.

Partindo de uma perspectiva Crítico Superadora, Soares (1990, p.26) afirma que a Educação Física “Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal”. Assim, o professor terá que problematizar os conteúdos que estão dados na sociedade, que é manifestado através da cultura corporal.

Um importante conteúdo à ser trabalhado pela Educação Física e bastante explorado pelo Coletivo de Autores é a “Luta de classes” onde Marx e Engels (2001) definia este termo como o confronto de duas classes distintas, a burguesia e o proletariado em busca de seus direitos. Nesta luta se expressa a economia capitalista, a ideologia e o poder político. A luta de classes segundo Marx e Engels (2001), começou com a criação de propriedades privadas, onde a burguesia com o trabalho de mão de obra barata dos proletariados começou a acumular propriedades e riquezas. Assim, o proletariado produzia a mercadoria e recebia um salário referente a sua qualificação. Ou seja, o proletariado com seu salário mal conseguia sustentar sua família, pois o que ganhava era muito inferior aos grandiosos lucros obtidos pelas mesmas. De acordo com Marx e Engels (2001), para que essa disputa entre classes termine a economia capitalista tem que deixar de existir e dar lugar para uma economia mais igualitária, com direitos iguais a todos.

Com o fim da economia capitalista o fenômeno violência daria um grande avanço para sua minimização, pois muitos casos de violência acontece pela opressão as classes menos favorecidas.

Bento et al (2010, p.151 também trabalham na perspectiva Critico Superadora, em seu artigo, diz ainda que:

Ao considerarmos a transversalidade que perpassa o fenômeno de violência/indisciplina escolar, acreditamos que a disciplina de Educação Física Escolar, por meio de seus conteúdos, pode possibilitar a efetivação do processo interpessoal mediante práticas educativas que possam valorizar o reconhecimento das necessidades, das regras e normas do grupo, da cooperação e disciplina.

A Educação Física não é apenas recreação, ou simplesmente um exercício físico para manter a saúde e o corpo perfeito, ela vai muito além disso, e tem como objetivo estudar os elementos da cultura corporal e suas diferentes manifestações como nos jogos, brincadeiras, esportes, danças, ginásticas e lutas. O ensino desta disciplina visa fazer com que os estudantes tenham uma nova visão de mundo e que valorize a multiplicidade de ideias e a diversidade de culturas em nosso meio. Conteúdos como a violência, devem estar presentes nestas aulas, para que as crianças entendam que certas atitudes podem ferir desestruturar emocionalmente ou até mesmo levar a morte.

O conteúdo de violência e seu combate presente no currículo escolar, e principalmente na disciplina de Educação física pode fazer com que os alunos compreenda o que é este fenômeno, e partindo disso reflita sobre suas ações e possa fazer uma crítica sobre elas, levando-as para a sociedade.

Segundo Verderi (2002, p.40):

Interpretar e compreender as manifestações emocionais e corporais de nossos alunos como um ser participativo de uma sociedade, suas atitudes, relações interpessoais; um ser contextualizado, que transforma e é transformado pelo seu ambiente, faz parte de nossos princípios educacionais.

Para melhor entendimento sobre o fenômeno violência e seus desdobramentos, daremos enfoque no próximo subtítulo a um tipo de violência, a violência simbólica. Tomaremos como referencial teórico o livro de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron: A reprodução (1992).

### 1.3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Pierre Félix Bourdieu, foi um importante sociólogo nos estudos da violência simbólica. Nascido no vilarejo de Denguin, na França, proveniente de uma família camponesa. Tornou-se referência na Antropologia e Sociologia, onde apresentou trabalhos relacionados a educação, literatura, linguística, cultura, arte, mídia e política.

Bourdieu em companhia de Passeron escreveu um livro com nome “A Reprodução” (1992). Neste livro eles falam sobre a violência simbólica destacando como acontece e porque acontece.

Bourdieu e Passeron (1992) diz que em uma sociedade de classes encontra-se diversas diferenças culturais e que as classes burguesas possui um patrimônio cultural com normas de falar, determinadas formas de conduta, de valores, etc. Mas quando se trata das classes trabalhadoras possuem características culturais que lhes é permitido sua manutenção enquanto classes.

Os sociólogos argumentam que há estruturas objetivas no mundo social que podem alterar a ação dos indivíduos. Todas essas estruturas são construídas socialmente assim como os esquemas de ação e pensamento chamado por eles de *habitus*, e que as relações sociais estão em uma relação dialética.

Quando se trata da violência simbólica, Bourdieu e Passeron (1992) esclarece que tal violência se trata de um poder que impõe significações e as colocam como verdades, havendo uma dissimulação das relações de força. Um exemplo claro disso é quando uma pessoa diz que a cultura “x” é errada e a “y” é a certa a seguir, desconstruindo todo um histórico de crenças e habitus.

Bourdieu e Passeron (1992) refere-se a ação pedagógica, enquanto imposição, como violência simbólica. Entende-se por toda ação pedagógica aquela que envolve educação familiar, educação institucionalizada e a educação difusa. Essa ação pedagógica visa a reprodução cultural das classes dominantes ou das classes dominadas. Ou seja, os tipos de educação em conjunto convêm a toda formação social, gerando um sistema de relações de força e sentido entre os grupos e classes.

Para os sociólogos Bourdieu e Passeron (1992) a ação pedagógica é uma grande reprodutora da cultura dominante, reproduzindo as relações de poder de um determinado grupo social. Assim, ela é exercida numa relação de comunicação, recorrendo a meios diretos de constrangimento na imposição de significações.

A ação pedagógica é uma violência simbólica, pois seleciona uns e exclui outros. Essa seleção arbitrária é feita por um grupo ou classe. Seguindo nesta mesma linha, todos os tipos de educação querem impor que aquilo que está sendo ensinado por eles é o certo e o que está sendo ensinado pelo outro é errado. Ou seja, a uma medição de forças entre a família e a escola, partindo para a tentativa de legitimação de autoridades de ambas as partes.

Os Sociólogos Bourdieu e Passeron (1992, p.25) definem que:

[...] tradicionalmente o “sistema de educação como o conjunto dos mecanismos institucionais ou habituais pelos quais se encontra assegurada a transmissão entre as gerações da cultura herdada do passado (isto é, a informação acumulada), as teorias clássicas tendem a dissociar a reprodução cultural de sua função de reprodução social, isto é, a ignorar o efeito próprio das relações simbólicas na reprodução das relações de força. Essas teorias que, como o vemos em Durkheim, não fazem senão transpor no caso das sociedades divididas em classes a representação da cultura e da transmissão cultural mais propalada entre os etnólogos, repousam sobre o postulado tácito de que as diferentes AP (ação pedagógica) que se exercem numa formação social colaboram harmoniosamente para a reprodução de um capital cultural concebido como uma propriedade indivisa de toda a “sociedade”.

Bourdieu e Passeron (1992) retomam muito a palavra “reprodução”, isto acontece porque segundo os autores a escola e a sociedade é uma reprodução cultural, isto é, certos habitus e crenças vem sendo reproduzidos de geração em geração, sem que a sociedade pare para refletir se aquelas atitudes ainda convém depois de tantas transformações em nosso meio. Quando nos remetemos a autoridade pedagógica, percebemos que ela é vista por Bourdieu e Passeron (1992) como um poder de violência simbólica, que se manifesta através da imposição, reforçando o poder arbitrário que é estabelecido ou dissimulado. Essa autoridade muitas vezes passa despercebida como ato de violência sendo tratada apenas como uma ação pedagógica.

De acordo com Bourdieu e Passeron (1992, p.31)

Se a verdade objetiva desse tipo de AP (ação pedagógica) é mais difícil de perceber, é que, de um lado, as técnicas empregadas dissimulam – a significação social da *relação* pedagógica sob a aparência de uma relação puramente psicológica e que, de outro lado, sua dependência ao sistema das técnicas de autoridade que definem o modo de imposição dominante contribui para impedir os agentes moldados Segundo esse modo de imposição de apreenderem o seu caráter arbitrário.

Em seu livro Bourdieu e Passeron (1992) relatam que os agentes ou instituições usam a autoridade pedagógica praticando o exercício do poder de violência simbólica por meio de propagandistas, publicitários, vulgarizadores científicos, etc. Com isso as pessoas que tem um estilo próprio de vida e não querem participar de uma reprodução social sofrem tal violência.

Segundo Bourdieu e Passeron (1992, p.41):

Quanto mais o mercado em que se constitui o valor dos produtos das diferentes AP (ação pedagógica) está unificado, mais os grupos ou as classes que sofreram uma AP que lhes inculcou um arbitrário cultural dominado têm oportunidades de lembrar o não-valor de seu acervo cultural, tanto pelas sanções anônimas do mercado de trabalho, quanto pelas sanções simbólicas do mercado cultural, sem falar nos veredictos escolares, que estão sempre carregados de implicações econômicas e simbólicas.

Os autores ainda falam em sua obra de trabalho pedagógico, sendo ele capaz de fazer com que seja mais durável uma atitude do que qualquer coerção política. O

mesmo tende através do habitus, reproduzir integração intelectual e mental. Os autores Bourdieu e Passeron (1992) criticam os inatismos e o cartesiano porque a importância e a influência da autoridade pedagógica em companhia do trabalho pedagógico tende a ser esquecidos.

Bourdieu e Passeron (1992) concluem que a violência simbólica é um poder exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que exercem. Isso ocorre porque um grupo absorve de maneira involuntária o discurso de outro. Ela se expressa como uma forma “legítima” de relação entre dominantes e dominados. Os mesmos ainda definem que as diferentes instâncias da violência simbólica são: a família, a escola e a comunicação social. Atitudes como apelidos com relação ao estado que a pessoa nasceu (ex: maranhense) ou até mesmo dizer que o jeito de uma pessoa falar é errado é uma violência simbólica.

O Brasil é um país com uma grande diversidade de culturas, cada região apresenta sotaques diferentes na fala e modos diferentes de viver, e dizer que essas pessoas estão erradas é dizer que tudo que ela viveu e aprendeu durante toda sua vida é errado e o do outro é certo, é destruir toda sua história, a luta do seu povo e suas crenças. Violência como vimos e fazer uma pessoa sofrer quanto fisicamente, quanto moralmente e psicologicamente. Usar da autoridade para desmoralizar e diminuir um estudante é fazer o uso da violência Simbólica, que muitas vezes é cometida pelo próprio professor que não recebe nenhuma punição e nem a caracteriza como uma violência, passando despercebido por ele e pela comunidade escolar mais não para o aluno que sofreu tal violência.

No próximo capítulo conheceremos sobre o nosso campo de pesquisa, o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação (CEPAE), sua história, a apresentação da metodologia utilizada para a pesquisa acompanhado de análise de documentos como: o Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimento Interno, resolução de direitos e deveres do CEPAE, as Posturas comuns CEPAE (2015) e as entrevistas.

## CAPITULO II

### **2. CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA A EDUCAÇÃO (CEPAE): O COLÉGIO REFERÊNCIA**

Este capítulo abordará características do campo de pesquisa, apresentando sua história e como se tornou um centro de ensino e pesquisa. Aqui também o leitor conhecerá a metodologia utilizada para esta pesquisa e os caminhos percorridos para coleta e análise dos dados.

O Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação (CEPAE), nesta época conhecido como Colégio Aplicação de acordo com CEPAE (2015), foi criado em 12 de março de 1966 a partir do Decreto Lei n.º 9.053, mais suas atividades só tiveram início no ano de 1968.

Nesta época, o CEPAE (2015, s/p) tinha como objetivos:

Constituir-se em laboratório experimental de técnicas e processos didáticos, visando ao aprimoramento da metodologia de ensino; Constituir-se em escola experimental para novos cursos previstos na legislação vigente, bem como para cursos com currículos, métodos e períodos escolares próprios, ajustando-se estes, para fins de validade, às exigências legais; Servir como campo de estágio supervisionado para a Licenciatura e para as habilitações do curso de Pedagogia; O corpo docente do então, Colégio de Aplicação/FE/UFG era constituído por professores da carreira de 1.º e 2.º graus, e professores da Faculdade de Educação que também atuavam neste nível de ensino.

Segundo CEPAE (2015), em 1980 após uma reivindicação de greve, os professores de 1º e 2º grau, foram reclassificados para a carreira de magistério superior passando assim para a carreira de 3º grau. Em 1982 obteve a criação do Departamento de Estudos Aplicados a Educação da Faculdade de Educação, que funcionou até março de 1994, em seguida criado o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação (CEPAE).

De acordo com CEPAE (2015, s/p)

[...] foi criado com a finalidade de realização do ensino, da pesquisa e da extensão, como instrumentos de participação na formação de

novos educadores nas diversas áreas de conhecimento, atendendo, pois os diversos cursos de Licenciatura. A ideia de criação do CEPAE é fruto de intensas discussões no interior da UFG, especificamente nos Seminários de Licenciatura e em debates e estudos que visavam à formação de uma política acadêmica para as Licenciaturas, em especial, no Fórum de Licenciatura, instituído em 1.992.

Partindo das informações obtidas sobre a criação do CEPAE, tendo em mente que ela é uma instituição de ensino utilizada também como centro de pesquisa, analisamos os documentos como Projeto Político Pedagógico (PPP), Regimento Interno e Planos de Ensino, percebemos que o CEPAE é uma escola que adota uma proposta de trabalho apresentada por Saviani, a Pedagogia Histórico Crítica. Essa pedagogia vem da concepção dialética, especificamente do materialismo histórico, tendo fortes afinidades no que se refere às suas bases psicológicas, com a psicologia histórico-cultural.

Quando o assunto é educação, identificamos que o objetivo que a escola traz em seu PPP (2013, p.13) é:

“[...] possibilitar aos alunos a apropriação e a análise de saberes sistematizados historicamente, necessários para uma formação humana crítica que os levem a compreensão das contradições que permeiam esses saberes e analisar as diversas informações a que têm acesso, tanto pela escola quanto pelos vários meios de comunicação, para que possam formular novos conceitos de mundo, de homem, de sociedade, de cultura e de produção de conhecimento.”

Saviani (1991 p.13) define que educação “é o ato de produzir, direto e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Comparando os dois conceitos de educação, podemos perceber que ambos tem os mesmos significados, pois trata a educação como um meio para transmitir o conhecimento sistematizado que foi construído ao longo da história da humanidade, através deste conhecimento fazer o aluno problematizar o conceito de mundo, sociedade, homem que esta dado pelo senso comum.

Partindo para o lado de organização da escola e do seu trabalho pedagógico, temos o Currículo, onde seu conceito se dá pela organização do conjunto de atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolar. Segundo o Coletivo de Autores (1990, p.16):

[...] a função social do currículo é ordenar a reflexão pedagógica do aluno de forma a pensar a realidade social desenvolvendo determinada lógica. Para desenvolvê-la, apropria-se do conhecimento científico, confrontando com o saber que o aluno traz do seu cotidiano e de outras referências do pensamento humano: a ideologia, as atividades dos alunos, as relações sociais, entre outras.

Analisando o PPP do CEPAE, identificamos que para esta instituição o currículo tem como finalidade:

“[...] formar cidadãos críticos, capazes de perceber e transformar a realidade em que estão inseridos. O objetivo é desenvolver integralmente os educandos, oferecendo-lhes oportunidades de aprendizagem que os tornem capazes de fazer uma leitura do momento histórico, científico e cultural em que vivem, adotando a perspectiva de construção de uma sociedade mais justa.” (PPP,2013, p. 8).

A perspectiva crítico superadora afirma que é possível sim construir um currículo abrangente onde haja a reflexão pedagógica do aluno, levando o mesmo a pensar na realidade social e comparar com o saber sistematizado que é apresentado pelo professor. Percebemos que novamente os propósitos são semelhantes, pois o objetivo social do currículo no CEPAE, de acordo com o PPP (2013) é formar um cidadão analítico, assim como apresenta a teoria Crítico Superadora. Partindo desta ideia, se organizará um currículo onde será formado um ser pensante e não apenas ser um mero reprodutor de técnicas dos conteúdos da educação física.

Partindo para a organização dos conteúdos, segundo PPP (2013) são divididos por Áreas de Ensino, como a Área da Comunicação, que é formada pelas subáreas de Português, Educação Física, Artes, Língua Estrangeira Inglês; Francês; Espanhol e Educação a Informática. A Área de Ciências Humanas e Filosofia envolve subáreas composta pela História, Geografia, Sociologia e Filosofia. E por fim a Área de Ciências da Natureza e Matemática, constituída pelas subáreas de Química e Física, Matemática e Biologia.

Cada Área de Ensino possui um coordenador, que segundo Art. 29º do Regimento (2015, p.15):

As Coordenações de Curso da Educação Básica são assessoradas diretamente pelos Departamentos em suas devidas competências

disciplinares e metodológicas. Parágrafo único. As Coordenações têm ainda o objetivo de estudar e propor ações que visem à melhoria do desempenho do educando e do professor, refletindo, a partir de sua prática cotidiana, sobre temas vinculados ao processo pedagógico.

No CEPAE, a organização do currículo quanto o tempo e a distribuição dos conteúdos se dá por escalas, tendo elas um período programado para a finalização do conteúdo podendo ser prorrogada caso necessário, e não por bimestre onde há uma data definida de início e fim e duração de dois meses, como acontece na maioria das escolas. A nota atribuída aos alunos no final de cada escala não são em valores numéricos e sim em letras que vão de A à letra E.

Para um bom funcionamento de uma instituição é necessário que haja uma organização e subdivisões de tarefas, para que os objetivos da escola sejam alcançados, sendo assim com base no Regimento Interno CEPAE (2015) a comunidade escola do CEPAE é formada pelo conselho diretor, que é organismo máximo deliberativo dentro da instituição, formado pelos órgãos da direção, comissões permanentes, coordenações, departamentos de ensino, setores acadêmicos, que tem como objetivo estabelecer as diretrizes acadêmicas, administrativas e financeiras da instituição, e supervisionar se estão sendo cumpridas as regras do estatuto e regimento geral da UFG.

De acordo com PPP (2013) o diretor e seu auxiliar, vice-diretor, tem como papel administrar e coordenar todas as atividades do CEPAE, na ausência do diretor, o vice-diretor deverá representá-lo. Já as coordenações de cursos são responsáveis pela coordenação pedagógica, que tem como dever assistir e orientar os educandos em aspecto de disciplina, lazer, segurança, saúde, pontualidade e higiene dentro das dependências da escola, auxiliar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Além disso, as coordenações têm o dever de estudar ações que melhorem o desempenho dos estudantes e educadores. Após as coordenações, se encontra os chefes de departamento, que tem como dever conduzir e coordenar todas as atividades do departamento realizando as decisões tomadas pelo conselho diretor.

A Educação Física pode ter várias finalidades, no caso do CEPAE, assim como afirma o professor, o departamento de Educação Física trabalha junto a perspectiva Crítico Superadora, que visa trabalhar a formação humana do individuo através dos conteúdos da cultura corporal. Soares et al (1990, p.26) afirma que a Educação Física “Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de

representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal”. Sendo assim a Educação Física desta escola é baseada pela Pedagogia Histórico Crítica, e tem como intuito problematizar os conceitos que estão dados na sociedade, manifestado através da cultura corporal, tornando-se assim uma referência não só no campo da educação, mais principalmente da Educação Física.

## 2.1 A PESQUISA

Esta é uma pesquisa social descritiva-exploratória, cujo objetivo foi descrever os fatos da realidade do campo de pesquisa e em seguida identificar os fatores que determinam ou contribuem para que aquele a violência aconteça, ou seja, esse tipo de pesquisa vai identificar quais os tipos de violência mais frequentes na I fase o Ensino Fundamental do CEPAE nas aulas de Educação Física, através de dados coletados em campo e dos resultados oferecidos. Gil (2007, p.26) entende a pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a aquisição de novos conhecimentos no campo da realidade social.

Foi realizado um estudo de caso de caráter qualitativo, pois foi executado em uma única instituição já definida, dando mais profundidade ao estudo, não preocupando-se com uma representação numérica. O autor Fonseca (2002, p.33) diz:

O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.

A pesquisa qualitativa tenta compreender a totalidade do fenômeno, mais do que focalizar conceitos específicos. Neste, método o pesquisador trabalha com aspectos da realidade que não podem ser quantificados. A coleta de dados não possui um caráter de instrumentos formais e estruturados. Silveira e Córdova (2009, p.32) diz que:

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado

fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

O estudo de caso foi dividido em quatro passos: fase exploratória, descritiva, analítica e relatório final. O primeiro passo foi a fase exploratória onde foi feito um planejamento e a investigação, fazendo também o levantamento bibliográfico para compreensão e norteamento da concepção dos autores sobre a violência nas escolas.

O segundo passo foi descrever a realidade a partir dos instrumentos de coletas de dados, que se dividirá em dois momentos: Análise dos documentos da escola (PPP, Regimento interno, Plano de ensino, projetos em atividades e Ocorrências) para que fosse identificado através destes documentos se a escola junto ao professor de Educação Física utilizam-se de métodos para tentar acabar com a violência na escola, também foi feita uma categorização das ocorrências, dividindo-as em violência física, simbólica ou institucional e microviolências. Já o segundo momento tentando intensificar essa coleta de dados, foi feito entrevistas semiestruturadas com o professor de Educação Física e com a Coordenadora do Ensino Fundamental I.

O terceiro passo foi a fase analítica, onde fizemos uma triangulação de dados a partir dos autores, análise de documentos e entrevistas, utilizando do método dialético de análise. Segundo Trivinos (1987) método de análise é uma metodologia de pesquisa, onde há uma descrição e interpretação de conteúdos de todas as classes. Essa análise ajuda a reinterpretar mensagens que vai além de uma compreensão de significados de uma leitura comum. E por fim um relatório final, onde foi feito uma conclusão sobre esta pesquisa, se meus objetivos geral e específicos foram alcançados.

## 2.2 CAMINHOS DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Neste subtema discorreremos sobre como foram obtidos os dados da pesquisa, e como ocorreu a coleta dos mesmos, para melhor entender os caminhos da disciplinarização depois de um ato de violência dentro do CEPAE.

O primeiro passo foi ir até a instituição e pedir a autorização para que fosse realizado pesquisa. Em seguida, fomos até o site do CEPAE, lá encontramos alguns

documentos disponíveis como o PPP, o Regimento e algumas informações sobre a instituição. Logo após, fizemos uma análise desses documentos para melhor entendermos o funcionamento desta instituição de ensino, ou seja, conhecer o espaço a ser pesquisado.

O segundo passo foi conversar com a coordenadora do Ensino Fundamental (1ª fase do 1º ao 5º ano) para que ela liberasse para nossa pesquisa as ocorrências (advertências e suspensões) do ano de 2015 a fim de identificar caso de violência.

Nesta conversa ela nos informou, que existia um caderno e nele contia as advertências verbais e que as advertências escritas; e as suspensões estavam em seu computador. A coordenadora nos entregou o caderno e disse que nos poderíamos tirar xerox do que precisássemos, e depois entregasse a ela novamente. Quanto as outras advertências e suspensões, ela nos levou até seu computador e passou todas as informações para o pendrive, ali também continha a Resolução CEPAE de direitos e deveres dos alunos e as Posturas Comuns 2015.

O terceiro passo foi agendar e realizar as entrevistas com o professor de Educação Física do 1º e 5ª ano e com a coordenadora do Ensino Fundamental (1ª fase). Conseguimos realizar a entrevista com o professor de Educação Física no dia e hora marcado, já a coordenadora tivemos que marcar um outro dia posterior, pois ocorreu um imprevisto e ela teria que resolvê-lo naquele dia.

Após a coleta dos dados foi feito as entrevistas com a coordenadora e com um dos professores de Educação Física da 1ª fase do Ensino Fundamental, fizemos uma análise desses instrumentos de pesquisa para identificarmos quais os tipos de violência mais frequentes na escola, e como o professor de Educação Física e a coordenação tratam esses casos.

Primeiramente tentamos identificar qual era a concepção de violência na escola de cada um dos entrevistados. Para o professor violência na escola é “[...] todo o ato que desrespeita o ser humano [...].”(ENTREVISTA, 2015). Já a Coordenadora diz que:

É a minha concepção é as violências, na verdade não é uma violência, são violências mesmo, esses diversos tipos de violências que passa pela violência a violência simbólica, nos temos a a violência física né, a psicológica, e assim que tem muito a ver com o bullying que é o meu objeto de estudo.(ENTREVISTA, 2015)

Analisando as duas respostas, percebemos que o professor de Educação Física e a Coordenadora consideram o Fenômeno violência como não só aquela que causa danos físicos ao ser humano, mais também morais e psicológicos. Essas respostas se remetem muito aos estudos de Abramovay e Rua (2002) onde ela divide a violência na escola em três tipos: física, simbólica, institucional e as microviolências.

Seguindo nessa mesma linha, tentamos identificar em uma pergunta feita ao professor, os tipos de violência mais frequentes praticados pelos alunos, e como ele conduzia tal fenômeno. O professor respondeu em sua Entrevista (2015) que em suas aulas apareciam todos os tipos de violência, pois essas violências estão presentes na sociedade e na cultura em que essas crianças estão inseridas, mais segundo ele, a que mais está presente nas aulas é a violência física. Quanto a condução ele diz que:

[...] sempre lidar de frente com o problema, temos que tentar resolver o problema na hora que eu vejo né e sempre trazendo a reflexão e alguma atitude posterior, eu acho que só a reflexão não vale mais saber dessas reincidências, se ele está refletindo sobre aquilo, se isso é um reflexo da sua casa também né, então na escola a gente pode intervir nesses vários ângulos. (ENTREVISTA, 2015)

A partir desta resposta, percebemos que o professor identifica que a violência da sociedade pode sim refletir dentro da escola, e que a escola pode fazer a diferença no combate a esse fenômeno. O mesmo, na próxima pergunta relacionada a percepção na relação a violência presente na sociedade com a violência presente na escola ele responde que:

[...] todos os preconceitos que existem na sociedade acabam refletindo dentro da escola porque a escola é um micro né, um microsistema do todo desse macrossistema, no microsistema se reflete ao macro. Então nessa relação de micro e macro sempre vai trazer essas contradições e essas possibilidades de superação também do macro. (ENTREVISTA, 2015)

E quando se pergunta qual é atitude do mesmo perante essa situação, como professor de Educação Física, ele diz que:

[...] o mais importante na escola é a gente ofertar ou discutir isso com as crianças uma maneira de também de superar e perceber que isso está dado mais não está pronto. Ele está colocado pra sociedade que

ela age dessas maneiras mais essa maneira não é a única maneira da gente tratar as pessoas né [...]. (ENTREVISTA, 2015)

Soares et AL (1990) fala que a Educação Física deve buscar desenvolver uma reflexão pedagógica desses temas, que aparecem durante as aulas e estão em meio a sociedade e que também se manifestam através da cultura corporal. Seguindo este pensamento, percebemos que é importante que o professor ensine as crianças a serem mais críticas, a não aceitarem tudo que a sociedade impõe a elas, a pensarem em novas alternativas para resolverem seus problemas que não sejam de uma forma violenta.

Partindo para as concepções da Coordenadora sobre o tema violência na escola e da escola ela diz que “A violência da escola ela é própria das relações de dentro da escola né. Agora a violência na escola ela muita das vezes é uma reprodução da violência é a violência que é faz parte da vida da sociedade.” (ENTREVISTA, 2015). Ela ainda cita exemplos comuns de como a violência que está presente na sociedade influencia a violência na escola, a mesma dá o exemplo de um casal que está se separando e utiliza seus filhos para se vingar, causar intrigas um contra o outro e a criança acaba refletindo isso na escola, com os colegas, achando que aquilo que os pais estão fazendo é o certo, esse tipo de violência não é próprio da escola ele vem de fora pra dentro (ENTREVISTA, 2015).

Nas entrevistas feitas com o professor e com a coordenadora percebemos que a compreensão de violência na escola e da escola dos mesmos se assemelham aos estudos de Abramovay e Rua (2002) pois ambos compreendem que muitos casos de violência vem de situações que os estudantes vivem na sociedade e acabam levando para a escola. E ai vem os estudos de Saviani (1984) onde ele diz que temos que conhecer a realidade social do aluno para depois trabalhar tais temas.

Nas entrevistas, também tentamos identificar se o professor de Educação Física e a coordenadora percebem diferentes tipos de violência entre os gêneros. Os mesmos responderam que:

O homem pelo histórico do ser humano, a gente tem o homem como esse desenvolvimento da força, da agilidade né, de algumas coisas mais que a mulher, pela própria história da humanidade né, não por ser homem ou por ser mulher né. A própria evolução biológica do ser humano trouxe isso a mais pro homem né da testosterona e essas coisas. Então eu acho que os homens utilizam dessas características

que são favoráveis a eles pra poder tentar uma dominação né, e também pela voz mais grave né que dá esse tom de superioridade, por ser mais altos e mais fortes tudo traz elementos para que eles se sintam muito mais importantes, mais fortes ou melhores do que os outros. Agora as meninas, a violência das meninas elas vão por outro caminho né, pelas armas que elas tem né, pelas falas né, pelo pela criar esteriótipos né. Então elas utilizam de juntar com outras amigas para poder dar conta de superar essa violência que elas sofrem também. (ENTREVISTA PROFESSOR, 2015)

Bom, as mulheres são mais sutis né é... elas são mais sutis, elas ficam mais nesse é... nesse patamar do facebook, então elas ficam postando as coisas da outra, elas escrevem nas portas dos banheiros que elas querem ofender umas as outras, elas ficam escrevendo palavras de baixo calão na porta dos banheiros [...]. [...] elas não vão as vias de fato, dificilmente só se realmente for assim algo que já extrapolou a paciência, porque as mulheres são assim. Agora os homens não, os homens são assim mais truculentos, os meninos você já vê isso neles, eles realmente vão pra violência de fato e eles vão pras vias de fato mesmo já pequenos eles já dão murro, ponta pés, pisa encima, enforca eles são assim.(ENTREVISTA COORDENADORA, 2015)

Ao analisar as respostas, percebemos que ambos tem uma visão de que os homens são os grandes causadores da violência física, pois a mesma é ligada a força, a agressividade e a dominação segundo relata o professor de Educação Física. Já as mulheres usam de uma violência que mexe com o psicológico da vítima, uma violência que pode em alguns casos pode afetar muito mais o outro do que a violência física.

Após compreendermos as concepções e seus desdobramentos do fenômeno violência de cada um dos entrevistados, partimos para o entendimento de como o professor de Educação Física trabalha tal tema em sala de aula, e como o CEPAE conduz os atos de violência na escola a partir da coordenação.

Com o intuito de entender melhor a perspectiva de trabalho do professor de Educação Física a cerca de temas que estão presentes na sociedade, e que refletem na escola e na formação dos estudantes, perguntamos ao professor se ele trabalha questões de violência em suas aulas, o porquê de trabalhar tal tema e como o mesmo é trabalhado. Ele responde que:

Olha a questão da violência eu acho que ela tem que ser trabalhada quando ela aparece, imediatamente quando ela aparece né, então se na minha aula eu to dando uma aula e acontece alguma questão de violência eu paro tudo que eu to fazendo, toda a aula e a gente vai discutir aquela questão da violência é... especificamente quando ocorre algum problema assim e é um problema muito grave e a gente pode pensar depois em uma aula pedagogizada encima desse

assunto. As questões da violência a gente resolve da maneira que a escola tem seus mecanismos, se ocorre alguma violência e a gente vê que é intencional e que foi pensada e depende dessa profundidade da violência a gente tem que dar as devidas punições que a escola tem né, que é advertência, suspensão e até a expulsão da escola. Então a gente trata, pedagogiza mais se não der também a gente também tem os mecanismos de coerção também né, ou punitivos né no sentido da escola né. (ENTREVISTA PROFESSOR, 2015)

Então, podemos perceber que o professor só trabalha o tema violência quando o mesmo aparece durante suas aulas. Segundo Soares et al (1990) a Educação Física deve trabalhar seus conteúdos (jogos, brincadeiras, dança, esportes ginástica e lutas) de forma simultânea e espiralada, voltado sempre a realidade do estudante. Assim, o fenômeno violência que é um dos grandes problemas enfrentados pela sociedade, não precisa ser trabalhado somente quando aparece, mais também antes e por todo o processo de formação do estudante, fazendo o mesmo refletir e fazer suas críticas à sociedade atual.

O professor se refere também aos mecanismos adotados pela escola, quando há um ato de violência grave, que são as advertências, a suspensão e até mesmo o pedido para que o aluno seja retirado da escola. Em entrevista com a coordenadora ela nos orienta sobre esses passos adotados pela instituição. A mesma nesta entrevista nos informou que foi formado uma comissão onde foi construída a Resolução Disciplinar. Esta foi criada a partir das discussões levadas ao conselho diretor, onde o mesmo fez os ajustes e as adequações pertinentes, tornando-o um trabalho coletivo. (ENTREVISTA COORDENADORA, 2015)

Nesta Resolução Disciplinar (2015) consta os direitos e deveres dos estudantes. Quando os estudantes não respeitam essa normatização, são aplicadas sanções (advertência, suspensão, cancelamento da matrícula e transferência) com caráter: leve, moderado e grave.

Segundo Art. 5º da Resolução Disciplinar (p.5, 2015) “Para aplicação das penas disciplinares serão consideradas a natureza da infração, a gravidade e a circunstância em que tenha ocorrido, a repercussão do fato e a reincidência.” ou seja, a instituição investiga o acontecimento para depois tomar as devidas providências e aplicar as sanções.

Na entrevista com a coordenadora, ela explica um pouco melhor sobre os passos da disciplinarização no CEPAE, principalmente nos casos de violência:

Bom, quando chega aqui, quando chega até mim eu vou apurar os fatos, eu vou ouvir ambas as partes, eles argumentam eles falam, eu dialogo com eles. Assim, eu tento trazer pra eles um pouco das consequências desse tipo de atitude. Eu converso com eles, inclusive pra vida adulta deles né, eu sempre tento mostrar pra eles que atitudes como essas levam aos linchamentos, as quebradeiras, as brigas de trânsito. Futuramente se você não aprender a conter os seus impulsos você vai se tornar umas dessas pessoas que pode ser uma vítima ou um agressor, e as consequências são terríveis né. E a sansão eu aplico [...] a advertência verbal, três advertências verbais né, eu depende porque dependendo da situação eu nem dou as três verbais eu já dou uma escrita, mas a ideia é essa aplicar três verbais, a terceira verbal é o limite, a próxima é escrita, ai três escritas, a terceira é o limite, ai três suspensões, a terceira suspensão pelo mesmo fato né, a terceira suspensão já chega no momento da gente chamar a família para procurar outra escola porque isso significa que a criança não se integrou na política da escola, não houve uma integração né. (ENTREVISTA COORDENADORA, 2015)

A coordenadora nos relatou também de um trabalho que ela desenvolve no CEPAE, o mesmo é uma roda de conversa com os estudantes que estão quase sendo transferidos da escola por não respeitarem as normas da instituição, depois de várias chances dadas ao mesmo.

Segundo a coordenadora, essa roda de conversa consiste em dar voz aos estudantes, porque muitas vezes essa violência, a externalização da violência, é uma insatisfação do estudante, onde o mesmo quer chamar a atenção para uma insatisfação que ele esteja vivendo na escola, na família, etc. Então são chamados os responsáveis pela criança, os professores, psicólogo e se necessário o conselho tutelar. Essa roda de conversa possui três etapas, a primeira consiste em ouvir os estudantes envolvidos e analisar a situação, a segunda encontrar uma solução para o problema e fazer um acordo com os mesmos, e a terceira etapa será para verificar se esses acordos foram cumpridos, se não o estudante terá que ser transferido para outra escola (ENTREVISTA COORDENADORA, 2015).

Depois de entendermos um pouco sobre a conduta do CEPAE diante de um ato de violência, foi feita uma tabela para categorização dos dados obtidos nas ocorrências (advertência verbal, advertência escrita e suspensão).

Quadro 1

DISCIPLINA	VIOLÊNCIA FÍSICA			VIOLÊNCIA SIMBÓLICA			MICROVIOLÊNCIAS		
	A.V	A.E	S	A.V	A.E	S	A.V	A.E	S
Ed. Física	1	1	3				3		
Matemática	1			1					
História							1		
Geografia									
Português		1		2	1				2
Ciências			1	1			2		
Língua Estrangeira									
Artes							2		
Intervalo	6	1	2	1			2	2	
Não foi informado	11	2	1	4			2	2	
A.V = Advertência verbal A.E = Advertência escrita S = Suspensão									

Observando a tabela de ocorrências, podemos identificar que a um alto índice de advertências e suspensões sucedidas por atos de violências cometidos nos intervalos e nas aulas de educação física. Essa manifestação de violência tem uma incidência maior no horário do recreio porque, segundo a coordenadora:

[...]é no horário do recreio, é os horários né. Na verdade tudo começa na sala de aula, inclusive na minha pesquisa do mestrado eu, foi isso que eu conclui com a pesquisa, que a violência ela começa dentro da sala de aula e ela tem uma continuidade nos espaços, no recreio e na saída da escola. É o horário que eles se pegam que eles começam a aumentar o tipo de violência. (ENTREVISTA COORDENADORA, 2015)

Podemos levar em conta também que o recreio é o lugar onde os estudantes têm uma maior socialização com outros estudantes de várias idades e diferentes culturas, onde cada um quer se sobressair sobre o outro, vinculando-se a questão do poder e do arbitrário cultural. É daí surgem os conflitos gerando a violência.

Quanto ao maior índice de violência nos dados identificados, a disciplina que tem maior índice de ocorrência é a Educação Física e a avaliação pode ser por conta de uma maior liberdade de mobilidade dos estudantes assim como espaço para expressões corporais e de possibilidade de contato.

### 2.3 IDENTIFICANDO A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Viver em sociedade está se tornando cada vez mais ímprobo. Lidar com o novo, com o diferente daquilo que estamos acostumados acaba sendo algo muito complexo, principalmente quando falamos de cultura. Essa não aceitação de uma cultura que não seja a dominante gera preconceitos e tabus, dando lugar a Violência Simbólica.

Na entrevista (2015) feita com a coordenadora ela percebe a violência simbólica dentro da escola, relatando que ali frequentam diferentes culturas e classes sociais, e aquela dominante está sempre tentando inferiorizar a outra parte para mostrar poder e fazer com que o outro assuma aquela identidade que é rotulada pela cultura dominante. Ela ainda diz que:

A violência simbólica ela passa por isso mesmo, no capital cultural você não tem a beleza, você não é aquela mulher magra, você é aquela gordinha, você tem aquela entre aspas aspecto de pobre, você não se veste o seu uniforme o seu tênis o seu celular tudo isso vai diferenciando essa questão do capital cultural e a questão mesmo do arbitrário cultural, é esse arbitrário cultural dominante que vem impor a sua cultura sobre a do outro e aquele é o melhor ai tá tudo muito impregnado. Nos estamos né, nos exercemos, até na minha função de coordenadora muita das vezes, claro que eu tenho que tá trabalhando isso o tempo todo pra não ficar impondo os meus juízos de valores sobre as crianças né, e muito né é de uma complexidade tão grande que nos temos que estar o tempo todo estudando, buscando conhecer, porque se você ficar só no empírico e seguir a intuição claro que nós cometemos muitos erros, mais por isso que nós somos um centro de ensino e pesquisa. (ENTREVISTA COORDENADORA, 2015)

Nesta fala da coordenadora, percebemos que ela compreende que muitas vezes cometemos a violência simbólica sem se darmos conta, deixando-a passar despercebida, é por isso que sempre temos que estar atentos, procurando entender melhor esse tipo de violência para não cometê-la.

A mídia também é uma das grandes produtoras de violência simbólica, pois a mesma sempre está rotulando as pessoas, impondo um padrão social a ser seguido

sendo que a sociedade é composta por diversas culturas sendo impossível todo mundo ser igual. Perguntamos também ao professor de Educação Física se ele percebe a violência simbólica em suas aulas, e então ele nos relata que:

A sempre ocorre né, a violência simbólica ela faz parte até da da... vamos dizer assim da própria estrutura social, que é essa manutenção de uma certa aparência artificializada ela já traz isso né, essa violência simbólica, essa perturbação das coisas né. Então na minha compreensão isso já existe como um processo da sociedade né, eu acho que essa sempre se fala em tom de brincadeira pra não dizer de forma veemente, direta. Utilizam de brincadeiras pra simbolizar aquilo que ele está querendo dizer depois ele fala que aquilo é brincadeira né. Então é meio que um testar, eles vão tentando aonde que eles podem até onde pode ir com essas reproduções, porque na verdade essas crianças não inventaram o preconceito né, elas só reproduzem aquilo que elas viveram, aquilo que elas sofreram também. Então geralmente as pessoas que sofrem muito bullying também ou ela vai pro caminho de superação e de superar isso com tranquilidade ou traz com ele esses ranços né esses preconceitos trazidos nele mesmo para reproduzi-los em algum momento. (ENTREVISTA PROFESSOR, 2015)

Então podemos identificar que o professor percebe que a violência não vem da criança, mais sim da sociedade onde ela está inserida. Essa sociedade impõe juízos de valores e as fazem reproduzi-los.

Na categorização dos registros de ocorrências, que vimos no tópico anterior, como advertências verbais, advertências escritas e suspensões foi difícil identificar a violência simbólica nas advertências verbais, pois as informações não eram tão precisas e não seguiam uma estrutura, tanto é que algumas apresentavam a disciplina que havia ocorrido o fato e outras não. Faltou também relatar com mais riqueza de detalhes o ato violento praticado pelos estudantes, para que o tipo de violência fosse melhor identificado. Já as advertências verbais e as suspensões foram estruturadas, havia um padrão a ser seguido para seu preenchimento e nelas constavam o artigo da Resolução Disciplinar que foi infringido.

A Violência Simbólica, como vimos no capítulo I, segundo Bourdieu e Passeron (1992) tem um poder que impõe significações e as colocam como verdades, havendo uma dissimulação das relações de força. Ou seja, a cultura dominante age sobre a dominada fazendo-a reproduzir a sua cultura, interiorizando-a. A vítima considera muitas vezes tal situação natural e inevitável. Muitas vezes somos vítimas da violência simbólica e não nos damos conta do quando ela pode nos ferir. Esse ferimento do

qual estamos se referindo não é algo físico, mais sim psicológico e que pode levar a violência física.

Foi pensando nessa “capa de invisibilidade” vestida pelos atores da Violência Simbólica que tentamos identificar se tal violência é percebida no CEPAE e nas aulas de Educação Física, e quais as providências tomadas diante desta situação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência vem sendo um dos principais problemas enfrentados pela sociedade. Viver em harmonia nem sempre é uma tarefa fácil, porque ninguém pensa igual, somos todos diferentes, de classes sociais diferentes, e é essa diferença que nos leva a querer respostas para compreender estas manifestações que acontecem em nosso meio.

Existem vários conceitos formados de violência, mais o que mais condiz com nossos estudos é o conceito de que violência é todo o ato que desrespeita o próximo, causando-lhe não só uma dor física mais também que afeta o seu psicológico.

A escola é um dos principais meios onde ocorre essa manifestação da violência. Os estudantes muitas vezes vivem algum tipo de violência fora da escola e acabam reproduzindo adentro da escola. Isso acontece porque a violência é um processo histórico, ela não surgiu agora, ela vem sendo construída e reproduzida ao longo da história do ser humano. A violência também pode ser considerada um fato social, pois ela está presente em meio a todas as sociedades.

A escola pode fazer um grande diferencial na vida dos estudantes e no combate a violência, porque é nela que as crianças passam grande parte do seu tempo, e é papel da escola humanizar e emancipar o estudante visando desenvolver suas capacidades para o trabalho e para as relações sociais.

Uma disciplina que pode ajudar e fazer a diferença no desenvolvimento, das relações sociais e no combate a violência é a Educação Física, porque como vimos nos dados muitas vezes os estudantes manifestam suas inquietações através dos conteúdos da cultura corporal. E é a partir desses conteúdos que o professor pode desenvolver métodos para fazer com que o aluno reflita sobre suas atitudes e façam críticas as atitudes presentes em nossa sociedade.

O CEPAE é uma instituição onde a Educação Física realmente acontece, os mesmos trabalham diversos temas presentes na sociedade, pedagogizados nos conteúdos da Educação Física. Em nossa pesquisa percebemos um ponto onde professor relatou que só trabalha o tema violência quando aparece. Uma ideia seria trabalhar tal tema antes que o mesmo apareça fazendo com que os estudantes antes de cometer o ato, faça uma reflexão.

Na pesquisa foi identificado que a violência que mais aparece na escola e nas aulas de Educação Física é a violência física. Mais se pararmos para analisar, muitas vezes a violência física é decorrente de uma violência que já estava acontecendo, que é o caso da violência simbólica.

A violência simbólica muitas vezes aparece disfarçada em meio a outro tipo de violência. Foi percebido nas ocorrências que o registro era de violência física, mais antes dessa acontecer, os estudantes que cometeram o ato da violência física já vinham sofrendo a violência simbólica por meio de apelidos, xingamentos e ofensas a seus juízos de valores.

Um problema encontrado na categorização das ocorrências, foi a falta de uma estrutura para as advertências verbais. Muitas delas continham pouca informação sobre o que havia acontecido e outras não haviam a identificação de qual aula tinha ocorrido o ato de violência. Uma sugestão seria uma estruturação das informações das advertências verbais, como acontece nas advertências escritas e nas suspensões. Assim, a escola, no final de cada ano, poderia fazer um levantamento do tipo de violência que mais ocorreu no ano letivo e em seguida sentar com os educadores e pensarem em alguma alternativa ou projeto para trabalhar com as crianças, com o objetivo de minimizar tal fato.

Um importante trabalho desenvolvido pela instituição, que me chamou bastante atenção foi a criação da roda de conversa, nela a uma oportunidade dos estudantes manifestarem o porquê de estarem cometendo tal violência. Assim, a escola pode identificar a origem do problema e tentar solucioná-lo com a ajuda dos responsáveis, educadores e psicólogos e dar uma chance ao estudante de continuar na instituição.

Os diversos tipos de violência estão dentro da escola porque a sociedade é violenta e a partir disso avaliamos que a mesma deve trabalhar o tema enquanto conteúdo relacionado com os diversos temas do currículo uma vez que estes não são isentos de tais manifestações. Portanto, não somente a Educação Física, mas a escola de forma geral deve se atentar para isso, com projetos de conscientização e formação continuada para os docentes principalmente no que eu diz respeito a violência simbólica, que não deixa marcas física, mas que na maioria dos casos dentro da escola é exercida por quem deveria proteger, o professor através da autoridade pedagógica.

## REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS

**ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. Violências nas escolas.4ed. Brasília: Unesco, 2002.**

**ALVES, M. R. Educação Física contra a indisciplina na escola. Revista Científica. Paracatu (MG), 2013. Disponível em:**  
<http://www.atenas.edu.br/faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAS/REVIST2013/4%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20F%C3%8DSICA%20CONTRA%20A%20VIOL%C3%8ANCIA%20E%20A%20INDISCIPLINA%20NA%20ESCOLA.pdf>.  
Acesso em: 28 de jul 2015.

**AQUINO, J. G. Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996.**

**BENTO, et al. O papel da educação física escolar diante do fenômeno da violência na escola. Violência na escola. Butantã (SP) n. 61, p.149-154, 2010.**

**BRASIL, Regimento Interno. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação – CEPAE/UFG,2015.**

**BRASIL, Resolução disciplinar. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação – CEPAE/UFG,2015.**

**BRASIL, Projeto Político Pedagógico. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação – CEPAE/UFG,2013.**

**FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.**

**GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ªed. São Paulo: Atlas, 2007.**

**MARX, K.; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1989.**

RODRIGUES, L. O. **Violência escolar e formação de professores:** Estudo em escola pública de Goiânia. 2011. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

ROSA, M. J. A. **Violência no ambiente escolar:** refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. 2010. Disponível em: [http://200.17.141.110/periodicos/revista\\_forum\\_identicidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_8/FORUM\\_V8\\_09.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identicidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_8/FORUM_V8_09.pdf) .Acesso em: 25 de jul 2015.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: Polemicas do nosso tempo.** 32<sup>o</sup> ed. Campinas, SP: Autores associados, 1999.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica.** In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, cap.2 , p.31-43.

SOARES, et al. **Coletivo de Autores:** metodologia de ensino de Educação Física. Campinas, SP: Cortez, 1990.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERDERI, É. B. L. P. **Encantando a Educação Física.** 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

## APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO NO  
PROJETO DE PESQUISA

Eu,  RG  /,  
CPF  abaixo assinado, concordo em participar  
do estudo: , como  
sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador:  
 sobre a pesquisa e os procedimentos nela  
envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha  
participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer  
momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de minhas  
relações com a Universidade e/ou os serviços prestados por ela.

Goiânia, 26 / 11 /2015. .

Assinatura do sujeito/responsável.

Presenciamos o acordo firmado entre pesquisador e sujeito da pesquisa.

Nome:  Assinatura:   
Nome:  Assinatura:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO NO  
PROJETO DE PESQUISA

Eu,  RG ,  
CPF  abaixo assinado, concordo em participar  
do estudo: Violência na escola, como  
sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador:  
 sobre a pesquisa e os procedimentos nela  
envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha  
participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer  
momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de minhas  
relações com a Universidade e/ou os serviços prestados por ela.

Goiânia, 24 / 01 / 2015.

Assinatura do sujeito/responsável.

Presenciamos o acordo firmado entre pesquisador e sujeito da pesquisa.

Nome:  Assinatura:

Nome:  Assinatura:

### **Roteiro de entrevista do professor de Educação Física**

- 1- Nome completo?
- 2- Formação?
- 3- Fale sobre sua concepção de violência na escola.
- 4- Qual o tipo de violência que mais aparece em suas aulas? E qual a condução?
- 5- Na sua compreensão, qual o tipo de violência que extrapola os passos da disciplinarização?
- 6- Quais são os tipos de violência mais frequentes em cada gênero?
- 7- Já houve casos de violência simbólica em suas aulas? Como você agiu perante esta situação?
- 8- Você percebe relação na violência presente na sociedade com a violência presente na escola? Como? Justifique. Qual é sua atitude perante essa situação como professor de Educação Física?
- 9- Você trabalha questões de violência nas suas aulas? Porquê ? Como ?

### **Roteiro de entrevista para Coordenadora**

- 1- Nome completo?
- 2- Formação?
- 3- Quais são os caminhos da disciplinarização no CEPAE quando os alunos cometem algum tipo de violência?
- 4- Qual o tipo de violência que mais aparece na coordenação? Qual a condução?
- 5- Na compreensão da escola, qual o tipo de violência que extrapola os passos da disciplinarização?
- 6- Quais são os tipos de violência frequentes em cada gênero ?
- 7- Já houve casos de violência simbólica na escola? Se houve, qual a condução da coordenação?
- 8- Qual é sua concepção de violência na escola?
- 9- Você percebe relação na violência presente na sociedade com a violência presente na escola? Como? Justifique. Qual a atitude da coordenação?

**10-** Qual o procedimento da instituição diante de uma situação de violência por parte dos educadores para com os estudantes?

## **ANEXOS**

Goiânia: 13/03/2015

Os alunos foram advertidos pelo professor <sup>Dim</sup> ~~Stacide~~ por que os alunos rasgaram o documento em sala de aula que estavam dando aula.

[redacted] 5ª A

[redacted] 5ª B

Goiânia, 17 de março de 2015

Os alunos: [redacted] e

[redacted] foram advertidos verbalmente porque estavam se agredindo fisicamente logo após o recreio. O desentendimento começou porque o [redacted] estava segurando a porta para que os demais colegas não entrassem na sala.

Goiânia, 17 de março de 2015

Alunos: [redacted]

Foram advertidos por desrespeito ao professor [redacted]. Reiteramos que a próxima indisciplina terá punição rigorosa.

[redacted]

27

Goiânia, 5 de março de 2015

4º B

Alunas: [redacted] foi advertida verbalmente por trancar por fora as portas do banheiro, impedindo que outras crianças possam utilizar os vasos.

*microvidencia*

Goiânia, 9 de março de 2015

5º B

Aluno: [redacted] O aluno foi advertido verbalmente por desrespeitar um colega, com palavras agressivas, durante a aula de artes.

*Microvidencia*

Goiânia, 10 de março de 2015

4º A

Alunos: [redacted] Os alunos foram trazidos à coordenação pela professora de matemática, [redacted], por indisciplina em sala de aula.

*Não informado se são*

[redacted] do 5º ano "A" Buzando de forma inadequada e [redacted] machucou [redacted] seu [redacted] porque [redacted] gritou no ouvido de [redacted].

*Física*

Goiânia, 18 de março de 2015

Aluno: [redacted] foi  
advertido por estar riscando feijão em  
sala na aula de Ciências.  
\* [redacted] - 5<sup>o</sup> Ano A  
1/11

Goiânia, 20 de março de 2014 4<sup>o</sup> B

Alunos: [redacted]

Os alunos foram trazidos à coordenação  
pela professora [redacted], porque estavam  
brigando em sala. A discussão começou  
porque o [redacted] jogou o tubo de cola do  
[redacted] no lixo, para, segundo ele próprio,  
"brincar" com o colega, que obviamente não  
gostou da brincadeira e resolveu revidar.

\* [redacted]

[redacted]

Goiânia 25 de março 2015

As crianças do 4<sup>o</sup> Ano B  
não subirão após ouvir o sinal  
Prof. [redacted] os encaminharam p/  
coordenação.

[redacted]

Goiânia, 25 de Março de 2015

5º B

Aluno: [redacted]

O aluno foi advertido oralmente por segurar a porta, após o recreio, impedindo que os colegas entrassem em sala de aula. Já solicitamos que eles não façam isso, pois pode causar um acidente, machucando os colegas

\*

Goiânia, 26 de Março de 2015

3º B

Aluno: [redacted]

O aluno foi advertido por rasgar e amassar uma atividade de classe de uma colega.

\*

Goiânia, 31 de março de 2015.

Neste dia, compareceu na coordenação o pai da [redacted] reclamando que a criança [redacted] está incomodando sua filha com xingamentos e tapinhas no bumbum da garota. Após conversa com a criança [redacted] ficou combinado que ele pediria desculpas a [redacted] e ~~nunca~~ mais irá incomodá-la! Ficou combinado que também não será admitida nenhuma brincadeira com professores ou qualquer outro servidor. Neste termo, assinará a respeito advertência, colocando as penalidades do Cepae para este tipo de falta: Advertência Verbal, advertência escrita, suspensão e transferência compulsória da sala.

[redacted]

[redacted]

Goiânia, 07 de abril de 2015

Aluno: [redacted] 4ºA

O aluno foi advertido verbalmente por não querer assistir aula e ficar se demorando em sala de aula.

\* [redacted]

Goiânia, 09 de abril de 2015. *Lucia*

Compareceram à coordenação o aluno [redacted] com sua mãe Sr. [redacted] fazendo a seguinte relação: que dentro do ônibus fora foi atingido por um murro do colega [redacted]. Ambos foram até a coordenação e o [redacted] recebeu a advertência e foi acordado que se reincidir nesta atitude receberá de 1 a 1 dias de suspensão. [redacted] [redacted]


Goiânia: 09 de abril de 2015 4ºB

Compareceram na coordenação os alunos [redacted]. Percebeu-se que a Professora [redacted] professora de Ciências pediu, os alunos para não escrever no quadro e os alunos continuaram escrevendo e foi chamado a atenção deles.

\* [redacted]  
\*

Goiânia, 17 de Abril de 2015 - 2ºB

[redacted]

O aluno entrou na sala do 2ºA e estava 

Goiânia, 09 de abril de 2015 3º B

O aluno foi advertido por chegar atrasado em sala de aula.

\* [redacted] 3º ano B

Goiânia, 09 de abril de 2015

O aluno [redacted] [redacted] 1º B foi advertido por ter puxado seu amigo, por sem motivo, conversou com ele, além de ter puxado seu colega depois deu um murro em outro colega.

\* [redacted] 1º B

Goiânia, 17 de Abril de 2015 2º B

[redacted]

O aluno entrou na sala do 2º A, logo após o término do recreio, derrubou carteiras, correndo na sala, derrubou as plantinhas da experiência de ciências e desrespeitou colegas.

\* [redacted]

Goiânia, 17 de Abril de 2015 3º A

[redacted]

O aluno foi advertido por agredir fisicamente um colega menor do que ele, empurrando a cabeça do colega no bebedouro e machucando a bochecha do mesmo.

30

O aluno tem repetido atitudes agressivas com os colegas, sem observar as normas disciplinares da escola. Conversamos com a tia [redacted] e pedimos providências da família.

[redacted]

*Exerce* (23/04/15)

Hoje compareceu a coordenação o aluno [redacted] por ter enforcado um colega no horário do recreio/aula de teatro. Foi advertido que a escola não admite este tipo de procedimento. [redacted]

23/04/15

Ontem o adolescente [redacted] prendeu o colega de sala em um local (quadra de esportes). Foi advertido que este tipo de atitude não deverá se repetir. [redacted]

(23/04/15)

Compareceu a coordenação o aluno [redacted] <sup>5º-A</sup> pela professora [redacted] <sup>Travi</sup> sob a acusação de estar passando e reparando bilhetinhos com dizeres imorais. O adolescente foi advertido que tal fato não deve se repetir. [redacted] - (durante a aula de Português)

[redacted]

Goiânia, 23 de Abril de 2015 2º B

[redacted]

O aluno <sup>foi</sup> advertido por que todos os dias estar faltando com respeito com os demais colegas, na saída das aulas

A Senhora [redacted], mãe do [redacted], também do 2º ano, esteve na coordenação reclamando das atitudes desrespeitadas do [redacted].

\*  
+  
+

Goiânia, 30 de Abril de 2015

[redacted] 1º A  
O aluno foi advertido por agredir fisicamente um colega em sala de aula. [redacted] já havia sido advertido verbalmente por cortar o cabelo de um colega.

Goiânia, 30 de Abril de 2015

[redacted] 3º A  
O aluno foi advertido por estar fazendo anãozinho e jogando ~~os~~ o arado em sala de aula, desrespeitando a professora [redacted] e demais colegas, por causar tumulto com sua atitude.

\*  
+

Go: 05/05/15

31

Informo que o [redacted] do 4º ano B, não obedeceu as ordens da Professora [redacted] durante a aula de Educação Física. Em sua defesa afirmou que não conseguiu seguir as ordens da professora.

Goiânia, 06 de Maio de 2015

5ºB

[redacted] O aluno está sendo advertido por desrespeitar a professora [redacted] em sala de aula. Ele a estava imitando e tumultuando a classe com estas gracinhas, fazendo as colegas perderem o foco da aula. Professora [redacted] confirmou este tipo de atitudes do [redacted], nas aulas de ciências e disse que ele só quer brincar, não se esforça e não produz nada em sala de aula.

\* [redacted]

Goiânia, 14 de maio de 2015

O aluno [redacted] foi trazido até a coordenação pela professora [redacted] pois estava batendo nos colegas enquanto ela conversava com a professora [redacted]. A professora [redacted] conversou e explicou que quando alguém agredir o [redacted] ele irá comunicar a coordenação e, em troca, o [redacted] não irá bater em mais ninguém.

[redacted]

[redacted] - 2ºB

Gp: 20/05/15

Samanta informou que o aluno [redacted] (4º B) estava dando restan e enforcando o colega [redacted]. Foi advertido que se repetir o fato terá um suspensão de 1 a 15 dias. [redacted]

Gp: 20/05/15

Samanta informou que o aluno [redacted] [redacted] chutou uma bola e acertou o colega [redacted]. A srta afirma que chutou a bola para a parede e não queria acertar o colega. Foi advertido que não pode acertar os colegas. [redacted]

Gp: 26/05/15

Neste dia, compareceu a coordenação a vigilante [redacted] conduzindo a aluna [redacted] do 1º ano B, afirmando que viu a aluna chutando e jogando ao chão o colega [redacted] do 1º B. Em sua defesa, [redacted] afirmou que o colega sempre faz cara feia para ela. A aluna foi advertida que se agredir novamente o colega receberá suspensão de 1 a 15 dias. [redacted]

Goiânia, 26 de Maio de 2015

[redacted]

5º A

Foi advertido porque estava jogando água nos colegas dentro do banheiro, deixando um deles todo molhado, na hora do recreio.

[redacted]

Goiânia, 27 de maio de 2015.

Na fila do bebedouro, após o recreio, os alunos [redacted] do 2º A, [redacted] do 2º B estavam brigando com chutes e assim foram advertidos sobre o comportamento violento.

[redacted]

[redacted]

Goiânia, 28 de maio.

Neste dia, a coordenadora a coordenadora os alunos [redacted] e [redacted] conduzidos pela vigilante [redacted]. Ela notifica que os alunos foram para o médico da 2ª Fase e Insira Médica no horário do recreio sem autorização da coordenação e, ainda, discutiu com a vigilante

[redacted]

Goiânia, 29 de Maio de 2015

[redacted] 1º B  
 A aluna foi trazida à coordenação pelo prof. [redacted] por não querer participar das aulas e ficar chamado as colegas para que também não fizesse as atividades propostas pelo professor. Prof.ª [redacted] que isso também está acontecendo em suas aulas.

+ [redacted] Coordenação  
 [redacted]

Goiânia, 01 de Junho de 2015

[redacted] 1º B  
 [redacted] 2º B  
 Os alunos estavam fazendo bullying, xingando e agredindo com chute um coleguinha do 1º [redacted] e por isso foram advertidos.

\* [redacted]  
 † [redacted]

Goiânia, 09 de junho de 2015

Neste dia, compareceu à coordenação o aluno [redacted], reclamando que o aluno [redacted] [redacted] acertou uma pedrada em sua cabeça. O aluno [redacted], do 3º A, foi advertido que havendo nova atitude agressiva receberá suspensão de 3 dias! [redacted]

Goiânia, 9 de Junho de 2015  
 [redacted] 5º A

A aluna foi trazida à coordenação pela professora [redacted] por conversar muito em sala de aula, prejudicando-se e aos colegas também.

\* [redacted]

Goiânia, 9 de Junho de 2015  
 [redacted] 1º A

O aluno foi advertido porque deu um chute no outro coleguinha, enquanto brincavam no parquinho, após o término das aulas.

Goiânia, 25 de Junho de 2015  
 [redacted] 4º B

Desrespeitou um colega, durante o recreio, xingando a mãe dele.

\* [redacted]

Goiânia, 29 de junho de 2015.

Neste dia foi trazido até a coordenação o aluno [redacted], pelo professor [redacted]. O referido professor relatou que [redacted] foi indisciplinado durante a sua aula (Ed. Física) e que chamou sua atenção por várias vezes. Disse ainda que o [redacted] agrediu fisicamente uma colega (pegou no pescoço).

dela!). A professora [ ] advertiu o aluno de que agressões físicas são punidas com suspensão e, se tal fato se repetir poderá receber uma suspensão de (um) até 15 (quinze) dias.

[ ] [ ]  
 Goiânia, 16 de outubro de 2015

Os alunos [ ] e [ ] do 3º B, desobedeceram a professora durante o passeio recreativo ao cine UFG.

\* [ ]

Goiânia, 16 de outubro de 2015

Os alunos [ ] e [ ] estavam se rindo na sala de aula. O [ ] começou desrespeitando o colega, sem nenhum motivo, como ele mesmo afirmou. [ ] ficou nervoso e revidou em voz alta, atrapalhando a aula.

\* [ ]

Goiânia, 21 de outubro de 2015

Nesta data a professora [redacted] trouxe até a coordenação pedagógica os alunos: [redacted] J. [redacted] alegando que o primeiro está assoriando durante a aula de Português (Avaliação) e o segundo subiu sobre a cadeira no horário do recreio. Os dois foram advertidos de que, se tal fato se repetir receberão uma advertência escrita e os pais serão avisados!

[redacted]  
[redacted]

Goiânia, 06 de novembro de 2015.

Nesta data o professor [redacted] enviou à coordenação pedagógica o aluno: [redacted] (5º B) alegando que este estava agredindo o colega [redacted] (5º B) durante a aula de matemática.

Ele foi advertido verbalmente e, caso se repita, será advertido por escrito.

[redacted] Ciente: [redacted]

#### ADVERTÊNCIA VERBAL:

O prof. [redacted] solicitou à coord. pedagógica que advertisse verbalmente os alunos [redacted], [redacted] e [redacted], do 4º A, pois não estão prestando atenção em suas aulas. Sendo que o primeiro está conversando e as duas últimas, trocando cartas enquanto o professor explicava o conteúdo. Caso isso se repita, haverá suspensão escrita e reunião com os pais.

[redacted]

## ADVERTÊNCIA VERBAL:

Aluno: [REDACTED] - 3º A

Ocorrência: O aluno estava jogando objetos nos colegas e acabou machucando um deles. Já havia tido uma ocorrência no dia anterior. Se repetir, haverá uma advertência escrita.

Ass.: [REDACTED]

Ciente: [REDACTED]

## ADVERTÊNCIA VERBAL:

Alunos: [REDACTED] 2º B

2º B

Os alunos estavam jogando liquidinhas um no outro dentro da sala de aula, ao invés de estarem sentados aguardando o professor.

Ass.: [REDACTED]

Cientes: [REDACTED]

## ADVERTÊNCIA VERBAL:

Aluno: [REDACTED] - 5º B

O aluno estava fazendo barulho durante a aula e estava palhando o colega da frente, durante a aula do [REDACTED].

Ass.: [REDACTED]

Ciente: [REDACTED]

## Advertência Verbal:

Hoje, 12 de novembro compareceu a coordenação o aluno [REDACTED] com episódio de agressão aos colegas (opunção) por questões pouco significativas. Foi advertido que atitude como esta não será

tolerada! Assim, hoje ficará sem acesso para  
fletir sobre relacionamentos.

[REDACTED]

Hoje, dia 16/11 compareceu a coordenação  
[REDACTED] pois atinge um colega com o balanço.  
A coordenadora conversou com o [REDACTED] e explicou  
que deve tomar cuidado ao sair do balanço. Ele  
uma notícia que poderá suspensão de 15 dias  
[REDACTED].



evolução biológica do ser humano trouxe isso a mais pro homem né da testosterona e essas coisas. Então eu acho que os homens utilizam dessas características que são favoráveis a eles pra poder tentar uma dominação né, e também pela voz mais grave né que da esse tom de superioridade, por ser mais altos e mais fortes tudo trás elementos para que eles se sintam muito mais importantes, mais fortes ou melhores do que os outros. Acho que nesse sentido os homens tem essa violência mais construída né, mais até aceita pelos demais né. Agora as meninas, a violência das meninas elas vão por outro caminho né, pelas armas que elas tem né, pelas falas né, pelo pela pela criar esteriótipos né. Então elas utilizam de juntar com outras amigas para poder dar conta de superar essa violência que elas sofrem também. Então eu acho que elas nesse caso da violência, da violência física né, da psicológica e tal eu acho que os homens é que são os grandes violões ai no caso né, não que as mulheres não façam mais que historicamente a gente vê no cotidiano que existe uma violência dos homens contra as mulheres maior do que o contrário.

**7-** Já houve casos de violência simbólica em suas aulas? Como você agiu perante esta situação?

**R-** A sempre ocorre né, a violência simbólica ela faz parte até da da... vamos dizer assim da própria estrutura social, que é essa manutenção de uma certa aparência artificializada ela já trás isso né, essa violência simbólica, essa perturbação das coisas né. Então na minha compreensão isso já existe como um processo da sociedade né, eu acho que essa sempre se fala em tom de brincadeira pra não dizer de forma veemente, direta. Utilizam de brincadeiras pra simbolizar aquilo que ele está querendo dizer depois ele fala que aquilo é brincadeira né. Então é meio que um testar, eles vão tentando aonde que eles podem até onde pode ir com essas reproduções, porque na verdade essas crianças não inventaram o preconceito né, elas só reproduzem aquilo que elas viveram, aquilo que elas sofreram também. Então geralmente as pessoas que sofrem muito bullying também ou ela vai pro caminho de superação e de superar isso com tranquilidade ou traz com ele esses ranços né esses preconceitos trazidos nele mesmo para reproduzi-los em algum momento.

**8-** Você percebe relação na violência presente na sociedade com a violência presente na escola? Como? Justifique. Qual é sua atitude perante essa situação como professor de Educação Física?

**R-** Então, acho que até eu já falei disso né, todos os preconceitos que existem na sociedade acabam refletindo dentro da escola porque a escola é um micro né, um microssistema do todo desse macrossistema, no microssistema se reflete ao macro. Então nessa relação de micro e macro sempre vai trazer essas contradições e essas possibilidades de superação também do macro. Eu acho que o mais importante na escola é a gente ofertar ou discutir isso com as crianças uma maneira de também de superar e perceber que isso está dado mais não está pronto. Ele está colocado pra sociedade que ela age dessas maneiras mais essa maneira não é a única maneira da gente tratar as pessoas né, eu acho que a gente tá num momento muito especial da gente começar a rever muitas coisas no Brasil principalmente, e uma das coisas que eu acho que tem que rever são essas coisas mesmo da gente conseguir superar essas coisas na prática, não aceitar essas coisas mais, é inclusive depois que o preconceito passa a ser uma lei né e tem as penas mais duras, eu acho que isso ajuda também as pessoas há começarem a pensar que elas não podem ser quem elas querem nesse



dois lugares da minha formação, as duas áreas, aí é que eu faço uma tentativa né fazer uma discussão com meus pares sobre essa questão da violência na escola. A partir desta discussão e da necessidade de se criar uma, normatizar essa questão disciplinar é... eu fiz parte, inclusive eu fui presidente desta comissão, é que nós construímos a Resolução Disciplinar né, nós construímos uma Resolução Disciplinar que é a que nós temos hoje, a partir das discussões que nós fizemos que levamos para o conselho diretor a nossa ideia, o conselho diretor fez os ajustes, as adequações que julgou pertinente né, nós acatamos até porque a construção foi coletiva né. Nós tivemos assim né o mérito de levar né a ideia, até na verdade já existia já existia uma normatização, o que nós fizemos foi as adequações. Na época não existia bullying, não é que não existia, isso não era é... não existia esse conceito do bullying né, mais o bullying na verdade nós sabemos a não as pessoas comentam, muitas das vezes os pais falam há eu sofri há eu cometi e isso não tinha esse nome, não existia, na verdade existia né, é... o que não existia era esse conceito sistematizado e já verticalizado isso tudo sobre a questão da violência na escola. Então o que que nós fazemos, nós aplicamos as sanções, elas são divididas em três, é três modalidades né, nós temos uma uma a a questão da sanção para as leves, a sanção para as moderadas e a sanção para as graves que são tidas como graves. Nós entendemos assim que a violência é na verdade quem dá o tom da violência é a vítima, e o bullying é muito isso né, muitas das vezes a criança, o adolescente o jovem ele fala há eu só estava brincando, eu quis brincar, ficar dando tapas e todo dia repete aquela atitude de dar tapa de tomar o lanche e ele sempre vem e fala que ele estava brincando. Mais quando a gente conversa com a vítima ou as vítimas, nós perguntamos “Você achou engraçado?” e aí ela diz: “não, eu não achei engraçado”, “você sente uma dor? Você sofre?” “sinto, eu fico muito triste, as vezes nem quero vir a escola” e aí começa toda uma discussão sobre essa violência que ele está sofrendo, que tipo de violência que é essa aí a gente aplica as sanções. E que são de advertências verbais, advertências escritas, suspensão e aí também o convite pra criança sair da escola ou adolescente, se isso realmente for muito grave e se repetir novamente, e aí a gente faz esse “convite” né pra criança ou adolescente procurar outro lugar.

**4-** Qual o tipo de violência que mais aparece na coordenação? Qual a condução?

**Resposta-** Então, é o tipo de violência que mais aparece é aquele de é... seria uma violência moral. Esse tipo de violência é interessante como ela acontece muito até chegar na questão da psicológica, é aquela que a pessoa fica humilhando a outra, humilha né “há você é gordo a você é” são questões que envolvem em é é são violências, que eu diria assim, incivildades mesmo né que envolvem a questão do preconceito, em relação a classe social que a pessoa faz parte, a cor, a raça né, o gênero né. Hoje eu flagrei uma aluna que ela tava assim, dois alunos estavam batendo nela e um estava assistindo. E... ela estava se defendendo, isso acontece muito atrás da escola, eu faço isso muito no horário do recreio eu saio e vou dar uma volta, porque é no horário do recreio, é os horários né. Na verdade tudo começa na sala de aula, inclusive na minha pesquisa do mestrado eu, foi isso que eu conclui com a pesquisa, que a violência ela começa dentro da sala de aula e ela tem uma continuidade nos espaços, no recreio e na saída da escola. É o horário que eles se pegam que eles começam a aumentar o tipo de violência. Bom, quando chega aqui, quando chega até mim eu vou apurar os fatos, eu vou ouvir ambas as partes, eles argumentam eles falam, eu dialogo com eles. Assim, eu tento trazer pra eles um pouco das consequências desse tipo de atitude. Eu converso com eles, inclusive pra vida adulta deles né, eu sempre tento mostrar pra eles que atitudes como essas levam aos linchamentos, as quebradeiras, as brigas de trânsito. Futuramente se você não aprender a conter os seus impulsos você vai se tornar umas dessas pessoas que pode ser uma vítima ou um agressor, e as consequências são terríveis né. E a sansão eu aplico, eu explico eu explico pra eles o problema, o fato ai eu aplico a sansão dentro daqueles três níveis que eu te falei pra você, a advertência pra esses garotos hoje, eu já havia dado uma advertência pra eles, eles já haviam sido advertidos. Agora ela provoca também, ela também é uma pessoa que fica provocando, parece que ela acha legal, só que ela sofre também com isso né. Eu ainda não entendi a deles não sabe? Esse pessoal ai né, eu estou eu estou atenta, eu estou muito atenta e eu falei isso pra eles hoje. Novamente eu dei advertência verbal pra eles, eu estou conversando com eles, eu estou tentando mostrar pra eles que esse tipo de comportamento não vai levar a nada, que não é por ai que a gente tem que respeitar ela como mulher, e ela também precisa respeitá-los. Existe ali um problema que eu ainda não descobri qual. Mas ela é... assim uma pessoa, parece que ela é meio assim é... provocadora, e mais eu ainda to vendo essa situação né. Enfim, é... a advertência verbal, três advertências verbais né, eu depende porque dependendo da situação eu

nem dou as três verbais eu já dou uma escrita, mas a ideia é essa aplicar três verbais, a terceira verbal é o limite, a próxima é escrita, aí três escritas, a terceira é o limite, aí três suspensões, a terceira suspensão pelo mesmo fato né, a terceira suspensão já chega no momento da gente chamar a família para procurar outra escola porque isso significa que a criança não se integrou na política da escola, não houve uma integração né. Agora pra chegar até este momento, olha... o que que nos fazemos, eu tenho um projeto que eu desenvolvo é que nos já fizemos isso, antes de convidar o aluno entre aspas né, convidar o aluno a se retirar da escola, nos realizamos uma roda de conversa. Em que consiste a roda de conversa? A roda de conversa, inclusive ela é objeto do meu doutorado que eu quero to escrevendo né, pra tentar o doutorado, na perspectiva de trabalhar dentro da roda de conversa essas questões, esses conflitos em relação ao um grupo X. Por exemplo esse grupo de crianças aí que estão nessa demanda entre eles, é nos vamos tentando, eu converso com o grupo individualmente, nós vamos fazendo esse diálogo, eu já estou conversando com eles algum tempo e se a gente percebe que isso não está resolvendo e se chegar ao ponto da suspensão aí é hora de chamar a família. Então chamamos a família, nos então organizamos uma roda de conversa, onde os integrantes são a família, os pais, os tios, os avós quem quiser a gente convida, convida os professores da turma, essas crianças vem também pra roda, o psicólogo ou a psicóloga é... dependendo do caso, isso já aconteceu, nos chamamos o conselho tutelar, o representante, o presidente do nosso conselho tutelar e o presidente da associação de pais. Nos tivemos uma roda de conversa recentemente, nos chamamos essas pessoas e essas pessoas elas vem e nos lançamos a questão é... e aí vamos conversar, a ideia é dar voz aos atores todos tem voz, porque muitas das vezes falta dar voz a essas pessoas, elas dão sinais, e muitas das vezes essa violência, a externalização da violência, principalmente o bullying é uma insatisfação eu quero chamar a atenção pra mim pra minha pessoa, eu quero falar, eu quero dizer algumas coisas na minha vida que não está legal que não está bacana, eu estou insatisfeito com a escola ou com a minha família, é eu to sem eu não sei o que eu faço da minha vida, coisas assim do conflito da adolescência. E aí a gente conversa e faz um acordo e nesse acordo a gente já marca a próxima roda, o acordo é uma adequação de conduta né, e aí até a próxima roda de conversa ele já sabe que está em uma situação de risco né de exclusão da escola. Então ou ele vai fazer essa adequação e aí evolui todos os atores, porque todos nos temos uma responsabilidade temos um compromisso com esse grupo, todos nos vamos

acompanhar né e nos também vamos procurar porque a criança ela fala então eu quero isso eu quero aquilo, a família vai ouvi-la também. Enfim, todos terão a responsabilidade e tentarão aparar as arestas pra superar esta situação, resolver o conflito, certo? E retorna no dia da outra roda, na outra roda nos vamos avaliar se nos cumprimos com o nosso acordo né, nos inclusive os agressores a priore né, porque nos também, ai eu trabalho com Bourdieu, todos nos praticamos uma violência, a escola prática uma violência que é a violência simbólica né, e essa violência ela é a própria imposição das normas ela é uma violência quando ela não é construída no coletivo, ela se torna uma violência também, porque ela é impositiva vem de cima para baixo aquela coisa verticalizada né. Mas as nossas normas nos construímos, no coletivo, mais mesmo assim eu acredito na perspectiva de Bourdieu, eu acredito que esse arbitrário, inclusive cultural, ele é impositivo ele é violento. O que a gente pode fazer é tentar ver o que é possível pra minimizar essa violência né, por isso que eu trabalho com a roda para que nos possa ouvir as pessoas e dialogar também em uma perspectiva dialógica Baktniana né. O Baktin ele o diálogo em Baktin ele é isso né, aquela coisa bem marxista né dialética, aquela coisa do ir e vir, eu repenso eu refaço eu reflito, reflexão né, refletir e agir essa é a ideia da roda não é falar por falar mais também não pode deixar de falar, essa ideia de trazer uma solução para o conflito na medida do que é possível solucionar.

**5-**Na compreensão da escola, qual o tipo de violência que extrapola os passos da disciplinarização?

**Resposta-** Eu acredito que a física, não existe negociação para a violência física, é interessante né, não que ela cause maior dano, interessante isso porque muitas das vezes a gente ouve aquela frase “a eu preferiria levar um tapa na cara do que ouvir do que eu ouvi” né, que é a violência moral, a violência psicológica, as duas são mais né, talvez mais profundas, atingem a sua alma, não fica na estrutura da pele, mais mesmo assim a violência física pode se você não cortar, não resolver ela atinge um patamar que machuca que fere e que aleja e leva até uma morte, então nós precisamos de... é inaceitável tando é que a violência física não existe negociação, a violência física é punida com suspensão. Eles já sabem “não se eu enfiar a mão na cara do meu colega ou se eu contribuir ou colaborar para que ele se machuque pra que ele se de mal eu vou levar suspensão se 1 a 15 dias”.

**6-** Quais são os tipos de violência frequentes em cada gênero?

**Resposta-** Bom, as mulheres são mais sutis né é... elas são mais sutis, elas ficam mais nesse é... nesse patamar do facebook, então elas ficam postando as coisas da outra, elas escrevem nas portas dos banheiros que elas querem ofender umas as outras, elas ficam escrevendo palavras de baixo calão na porta dos banheiros, este é um problema que eu lido aqui e eu tento o tempo todo falar que nada a ver que a gente não resolve as coisas assim, mais elas tem... as mulheres são mais assim, elas não vão as vias de fato, dificilmente só se realmente for assim algo que já extrapolou a paciência, porque as mulheres são assim. Agora os homens não, os homens são assim mais truculentos, os meninos você já vê isso neles, eles realmente vão pra violência de fato e eles vão pras vias de fato mesmo já pequenos eles já dão murro, ponta pés, pisa encima, enforca eles são assim. Agora mulher raramente você vê uma menina brigando com a outra puxando cabelo, jogar, pisar não e eu não sei se a forma como elas brigam se é menos gravosa também, eu não sei porque, a e outra coisa que mulher faz as meninas, fofoca, elas tem muito essa coisa de ficar difamando a outra, então eu estou insatisfeita eu quero desconstruir a imagem do meu desafeto lá, da coleguinha que eu não vou com a cara dela o que que eu faço eu começo a fofocar, eu começo a falar mil coisas ai e coisas mil de gorda, de feia, de burra, coisas assim sabe é... passa fome, começam a difamar desconstruir mesmo a imagem da outra.

**7-** Já houve casos de violência simbólica na escola? Se houve qual a condução da coordenação?

**Resposta-** A então, a violência simbólica ela é muito sutil ela é muito sutil, mais é um violência que está presente, por exemplo nos temos aqui é o pessoal os nossos alunos que é... Down você vê um que tem síndrome de Asper nos temos o Down, 2 Downs você... é interessante eles estão aqui, eles tem o direito foram sorteados como os outros, mais é interessante como eles estão a própria instituição ela não da as condições objetivas que eles estejam aqui, a educação não é para todos, mais essa educação para todos não tem sala recursos, não tem professores pra tá trabalhando dentro dessa sala de recursos. Assim eu cito como exemplo os alunos que tem síndrome de Down ou síndrome de Asper na verdade nos temos a a a é diferentes classes sociais do filho daquela pessoa mais simples que teve pouco acesso as letras que é analfabeto que é analfabeto funcional até o filho do doutor aqui, do professor doutor, o que não significa que ele é assim, ele te privilégios e acesso ao capital

cultural, ele tem o capital cultural privilegiado, mais sabe se lá se ele está se apropriando desse ainda tem isso né, eu também tenho que ter uma disposição para me apropriar dessa capital. A violência simbólica ela passa por isso mesmo, no capital cultural você não tem a beleza, você não é aquela mulher magra, você é aquela gordinha, você tem aquela entre aspas aspecto de pobre, você não se veste o seu uniforme o seu tênis o seu celular tudo isso vai diferenciando essa questão do capital cultural e a questão mesmo do arbitrário cultural, é esse arbitrário cultural dominante que vem impor a sua cultura sobre a do outro e aquele é o melhor aí tá tudo muito impregnado. Nós estamos né, nós exercemos, até na minha função de coordenadora muita das vezes, claro que eu tenho que tá trabalhando isso o tempo todo pra não ficar impondo os meus juízos de valores sobre as crianças né, e muito né é de uma complexidade tão grande que nós temos que estar o tempo todo é nos estudando buscando conhecer, porque se você ficar só no empírico e seguir a intuição claro que nós cometemos muitos erros, nós cometemos muitos erros mais por isso que nós somos um centro de ensino e pesquisa, por isso que eu estou... transformando o projeto de extensão em projeto de pesquisa pra pensar um pouco sobre essa questão da violência simbólica e esses conflitos assim, incivildades dentro do espaço da escola.

**8-** Qual é sua concepção de violência na escola?

**Resposta-** É a minha concepção é as violências, na verdade não é uma violência são violências mesmo, esses diversos tipos de violências que passa pela violência a violência simbólica, nós temos a a violência física né, a psicológica, e assim que tem muito a ver com o bullying que é o meu objeto de estudo.

**9-** Você percebe relação na violência presente na sociedade com a violência presente na escola? Como? Justifique. Qual a atitude da coordenação?

**Resposta-** Então, eu tenho pensado muito na violência da escola e na violência na escola, que são coisas diferentes. A violência da escola ela é própria das relações de dentro da escola né. Agora a violência na escola ela muita das vezes é uma reprodução da violência é a violência que é faz parte da vida da sociedade. Na comunidade nós temos nossas vidas, nós não somos um fragmento, nós somos um ser humano completo, então nós estamos sofrendo o tempo todo a imposição, como filhos, a criança ela já recebe toda uma violência por ser criança, por ser criança ele é

violentado, ele é retirado dele todos os seus direitos, dentro da própria família, o direito a fala, o direito ao dizer que ele não gosta que ele não se sente bem, que ele está se sentindo infeliz com aquele tipo de postura da família né. A separação dos pais nos sempre trabalhamos que é algo que é fato, agora como você lida com isso, como que a família lida com isso que é um problema e muitas das vezes se torna um grande problema. Uma mãe que usa uma criança para afrontar o pai ou um pai que usa a criança para afrontar a mãe, e isso reflete diretamente na escola, então não é uma violência que é própria da escola, ela vem de fora pra dentro. E assim, outros tipos de violência, as mídias elas elas é... elas constroem a violência, uma violência que é construída, é uma situação de que você tem que tá o tempo todo atento porque você vai ser assaltado, “você vai ser tomado de assalto a qualquer momento” ou “o trânsito tá tão violento, que daqui a pouco, no próximo cruzamento você vai sofrer um acidente” “não, não vá de bicicleta que você vai ser atropelado, alguém vai passar por cima de você”. Quer dizer, ainda tem essa violência construída, é aquela história né pra vender armas, pra vender segurança privada, no acaso é uma violência que tá aí faz parte mesmo, aí a escola ela precisa de ter um cernimento pra até que ponto né, aí a roda de conversa entra de novo porque a gente vai chamar esses atores se for o caso chama o representante do juizado da juventude, chama o concelho tutelar igual eu falei pra você, nos chamamos também o PROERD que é o trabalho da polícia militar que eles fazem um trabalho de de apoio nesse sentido de coibir a violência e indica também possibilidades né, caminhos pra que a gente possa resolver, é assim nessa perspectiva.

**10-** Qual o procedimento da instituição diante a situação de violência por parte dos educadores para com os estudantes?

**Resposta-** Então aí já é outro tipo de violência né, por isso que eu falo violências, por isso que nos chamamos os educadores para a roda, a roda não, a vou chamar os alunos, não nos vamos chamar os alunos que estão envolvidos e vamos chamar os educadores também, nós estamos também dentro deste lugar, dessa sociedade, nós também sofremos todos os tipos de violência, até de não ter as condições adequadas de trabalho é uma violência, assim, nós estamos o tempo todo sofrendo e essa violência é reproduzida né, até o Bourdieu fala na reprodução, ele foi inclusive criticado, muito criticado quando ele escreveu o livro “A reprodução” porque ele fala que a escola reproduz essas violências e você acaba, e e aí eu vou um pouco além é porque eu

acredito que e também não acredito que foi exatamente isso que Bourdieu quis dizer, porque é uma conscientização, a partir do momento que nós educadores é... construímos essa consciência de que nos podemos estar reproduzindo a violência, que nos também estamos sendo violentos quando colocamos o dedo no nosso aluno, mandamos nosso aluno calar a boca, “fica quieta que quem fala sou eu, quem manda sou eu”, manda quem pode obedece quem tem juízo eu estou exercendo uma violência sobre o meu aluno, e ai é uma questão do poder e esse poder ele reproduz com o outro, vai e vira um circulo vicioso isso ai né, e por isso quando acontece uma situação de conflito entre aluno e professor, alunos e professor, professor alunos, muito das vezes não é individual é coletivo, é o professor para os alunos em coletivo. A gente chama o professor, primeiro eu ouço os alunos, eu ouço os alunos separado do professor, ai depois eu chamo o professor ouço o professor ou professora e qual é a minha condução? Eu já falo com os alunos, ouço tudo que eles tem a dizer e faço as minha ponderações e falo pra eles que a primeira coisa é diálogo, conversar, vamos conversar e aparar arestas e ver o que é que eu posso, eu como aluno posso contribuir para com professor e o professor a mesma conversa eu tenho com ele, o que ele como professor pode contribuir para melhorar essa relação interpessoal que não tá legal, que não tá bacana, alguma coisa não tá bacana e eu então passo para ambas as partes que eles voltem e conversem entre eles, então ai eu tenho apenas uma função de mediação, eu faço essa mediação e eles vão lá e resolvem o problema, geralmente eles resolvem, quando eles não conseguem resolver, as coisas vão criando tipo uma bola de neve, a coisa vai crescendo ai é hora da gente fazer a roda, a a gente chama psicologia e vamos todo mundo conversar, já que não conseguiram resolver, agora nos vamos juntos, conversar ai vem os profissionais né, vem a psicologia, a gente chama o diretor ai pronto a instituição porque a instituição tem que ser responsabilizada e ai toda a comunidade é responsável por aquele fato, as coisas acontecem a família vem, ai todo mundo vai conversar pra saber, uai deu oportunidade e não resolveu porque? O que está acontecendo? E ai nós já tivemos questões que o alunos saiu da escola, nós fizemos as duas rodas e eles chegaram a conclusão de que, teve um aluno que eu nunca me esqueci, ele falou assim: “professora”, tem uns quatro anos isso, “eu gosto demais daqui, mais eu não gosto de estudar” fazer o que né, ele gostava de estar aqui mais não gostava de estudar, ele não conseguia fazer o compromisso com os estudos ai é hora que eu falo “meu querido então infelizmente”, o pai inclusive chorou muito o pai desse garoto, disse que o maior sonho dele era o

filho dele estudar aqui então ele falou assim “não acredito que estou ouvindo isso” mais infelizmente eu falei pra ele “Bom, então é complicado porque você não vai poder ficar aqui, porque aqui nós temos um papel e o nosso objeto aqui é o objeto do conhecimento, produzir conhecimento, se nos não estamos conseguindo fazer com que você produza conhecimento infelizmente você vai ter que procurar outra instituição”, porque nós como escola pública é injusto pedir para o aluno sair da escola e eu respondo isso com muita tranquilidade não é injusto, é injusto você ocupar um espaço onde você olha e vê uma fila enorme de pessoas querendo entrar, e pessoas que queiram e tem interesse e disposição para os estudos, como que eu vou deixar um aluno ocupar um espaço, um aluno que fala que depõe depois de todas as nossas conversas depois de todas as reflexões que ele ama a escola mais não gosta de estudar, então ele está no lugar errado. E ai foi quando o pai dele tirou e colocou em outra escola e até de vez enquanto eu encontro com ele por ai, ele é até garçom em um restaurante, aí quando eu vou nesse restaurante ele até fala “oi professora Sirlei, tudo bem e tal” tenho o maior carinho por ele, vejo que ele entende que tem essa compreensão não sei até que ponto né, pelos limites da idade do amadurecimento dele, mais enfim fez parte da história dele esse momento de sair da escola também... uma violência né, mais outro ocupou o espaço e o outro achou bom demais, é assim, um acha bom o outro acha ruim, e é assim que a escola ela é para todos que queiram estudar.